



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
(SESSÃO CONJUNTA)

ANO LXIV - Nº 004 - SEXTA-FEIRA, 08 DE MAIO DE 2009 - BRASILIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **JOSÉ SARNEY** – PMDB-AP

1º Vice-Presidente

Deputado **MARCO MAIA** – PT-RS

2º Vice-Presidente

Senadora **SERYS SLHESSARENKO** – BLOCO PT-MT

1º Secretário

Deputado **RAFAEL GUERRA** – PSDB-MG

2º Secretário

Senador **JOÃO VICENTE CLAUDINO** – PTB-PI

3º Secretário

Deputado **ODAIR CUNHA** – PT-MG

4º Secretário

Senadora **PATRÍCIA SABOYA** – PDT-CE

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 4ª SESSÃO CONJUNTA (SO-LENE), EM 7 DE MAIO DE 2009	
1.1 – ABERTURA	
1.2.1 – FINALIDADE DA SESSÃO	
Destinada a comemorar os cinquenta anos do Tratado Antártico – PROANTAR.	01372
1.2.2 – Fala da Presidência (Senador José Sarney)	
1.2.3 – Oradores	
Senador Cristovam Buarque.....	01373
Deputado Rodrigo Rollemberg	01375
Senador Sérgio Zambiasi	01376
Deputado Jorginho Maluly	01379
Senador Roberto Cavalcanti.....	01381
Deputado Lelo Coimbra	01383
Senador Renato Casagrande	01385
Sr. Carlos Minc, Ministro de Estado do Meio Ambiente	01387
Deputado Paulo Teixeira	01390
Sr. Luiz Antônio Barreto de Castro, Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia	01391
Sr. Almirante de Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado-Maior da Armada	01392
Senador Flexa Ribeiro (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) ...	01393
Senador Augusto Botelho (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) ...	01393
1.3 – ENCERRAMENTO	
CONGRESSO NACIONAL	
2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL	
3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	
4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL	
5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)	
1.4 – ENCERRAMENTO	
CONGRESSO NACIONAL	
2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL	
3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	
4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL	
5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)	

Ata da 4ª Sessão Conjunta (Solene), em 7 de Maio de 2009

3ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência do Sr. José Sarney, da Sra. Serys Slhessarenko e do Sr. Romeu Tuma

(Inicia-se a Sessão às 11 horas e 14 minutos, e encerra-se às 13 horas e 47 minutos)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko. PT-MT) – Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar os 50 anos do Tratado Antártico – PROANTAR.

Convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Almirante de Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado-Maior da Armada, representando o Exmº Sr. Almirante de Esquadra Julio Soares de Moura Neto; o Exmº Sr. General de Divisão Mário Matheus de Paula Madureira, Diretor de Serviço Militar, representando o Exmº Sr. Comandante Enzo Martins Peri, do Exército Brasileiro.

Vamos ouvir de pé, neste momento, o Hino Nacional.

(É executado o Hino Nacional.)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko. PT-MT) – Senhoras e senhores, gostaria de justificar a ausência do nosso Presidente José Sarney – estou assumindo os trabalhos como 2ª Vice-Presidenta do Senado Federal. S.Exª recebe, neste momento, o Presidente do Paraguai nesta Casa.

Gostaria de fazer uma saudação especial a todos os presentes. Saúdo os Srs. Senadores, os Srs. Deputados, os senhores que compõem esta Mesa.

Farei um breve pronunciamento. Em seguida, passarei a palavra ao Senador Cristovam Buarque. S.Exª e a Deputada Maria Helena são signatários desta sessão.

Senhoras e senhores, na primeira metade do século passado, o continente antártico era a última fronteira do mundo a ser explorada. Esse atributo despertava nos mais diversos países o interesse legítimo pela sua posse. Tratava-se de uma área gigantesca, cujo potencial científico e econômico era ainda uma incógnita.

O caráter explosivo de uma disputa por um território praticamente inexplorado era muito grande. Numa clara demonstração de responsabilidade, os 12 países que reivindicavam a posse do continente gelado

firmaram, em 1959, o Tratado Antártico, cujo jubileu de ouro comemoramos hoje, nesta sessão solene do Congresso Nacional.

A espinha dorsal do Tratado Antártico é a determinação de que a Antártica só pode ser usada para fins pacíficos, ficando proibidas novas reivindicações territoriais e estabelecido o intercâmbio de informações científicas entre os diversos países. Até o ano de 1991, o continente não pertenceria a nenhum país, embora todos tivessem assegurado o direito de lá instalar bases de exploração científica.

Cumprе assinalar que, para o bem de toda a humanidade, os países signatários do Tratado prorrogaram suas disposições por mais 50 anos, o que significa que o continente antártico será propriedade de todos até o ano de 2041.

É muito bom poder ressaltar que o Brasil assinou o Tratado em 1975 e, 7 anos depois, em 1982, criou o Programa Antártico Brasileiro – PROANTAR, cujos 25 anos comemoramos solenemente no Congresso Nacional, em 2007.

Não poderíamos comemorar os 50 anos do Tratado Antártico sem destacar a importância do PROANTAR para o Brasil e para os brasileiros.

Nossos militares e cientistas, verdadeiros heróis que enfrentam com bravura as adversidades do clima na Antártica, realizam uma série de pesquisas, cuja contribuição é marcante para a previsão do tempo na América do Sul e para o monitoramento das mudanças climáticas que já afetam o mundo, entre muitos outros resultados.

É impossível não mencionar, ainda, nossa contribuição para o IV Ano Polar Internacional, encerrado no ano passado. A comunidade científica brasileira participou do evento com mais de 30 universidades e centros de pesquisa, em 11 projetos diferentes, mostrando ao mundo nossa capacidade de participar dos esforços globais de construção do conhecimento científico e tecnológico.

Ao comemorar o transcurso do 50º aniversário de assinatura do Tratado Antártico, o Congresso Nacional brasileiro mostra todo o seu engajamento no esforço pacífico e construtivo de exploração do continente gelado.

É digno de se mencionar as reiteradas homenagens que temos feito ao PROANTAR, homenagens que propiciam à sociedade uma oportunidade única de avaliar resultados e de discutir as perspectivas brasileiras na Antártica.

Este ano, estamos promovendo a 2ª Semana do Continente Antártico, com uma série de palestras e de eventos voltados a debater a importância da participação brasileira na exploração do continente.

Desde 2007, por uma brilhante iniciativa do Senador Cristovam Buarque e da Deputada Maria Helena, existe no âmbito do Parlamento a Frente Parlamentar de Apoio ao Programa Antártico Brasileiro, que tem sido, nestes 2 anos, um importante espaço de debates entre os Parlamentares e a comunidade militar e científica responsável pelo PROANTAR, um fórum sempre aberto ao diálogo produtivo e ao intercâmbio de ideias.

Nos 50 anos do Tratado Antártico, o Brasil se mostra consciente de suas responsabilidades para com o futuro da Antártica. Muito mais do que isso, nosso País está pronto para ocupar, com protagonismo, o papel que nos cabe na exploração pacífica do continente gelado.

Eu, como Senadora da República, Senadora pelo meu Estado do Mato Grosso, com alguns meses de ocupação do cargo de Senadora, que assumi em 1º de fevereiro de 2003, estive na Antártica de 13 a 18 de julho desse mesmo ano. Na época, com o Senador Demóstenes Torres e mais 5 Srs. Deputados, conhecemos o continente em sua época mais gelada. Chegamos a brincar dizendo que não havia pinguins, e, de fato, não havia nem pinguins.

Para mim, esse foi um dos principais eventos de que participei até hoje. Como educadora, como pesquisadora, como professora de universidade federal que fui por 26 anos, valorizo grandemente o trabalho dos pesquisadores, dos cientistas e dos militares que lá se encontram.

Quem vai até lá, como eu fui, sabe realmente da determinação, da bravura, da competência e do compromisso político – não político-partidário, mas político com a causa do planeta Terra – que os brasileiros, militares e cientistas, que estão lá, ou que lá estiveram, ou que para lá ainda irão têm para com nosso País.

Em nome da Base de Frei e da Base Comandante Ferraz, quero deixar nossa grande homenagem a todos os militares e cientistas do PROANTAR que batalham no continente antártico.

Convido agora a usar da palavra como primeiro signatário da solicitação desta solenidade o Senador Cristovam Buarque.

Enquanto o Senador Cristovam se dirige à tribuna, convido a compor a Mesa o Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra João Afonso Prado Maia de Faria, cuja presença muito nos honra.

Convido também o Sr. Luiz Antonio Barreto de Castro, Secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do MCT, aqui representando o Exmº Sr. Ministro Sérgio Rezende.

A Sra. Serys Slhessarenko, 2º Vice-Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. José Sarney, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB – AP)
– Com a palavra o Senador Cristovam Buarque.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT – DF. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente José Sarney, Srª Senadora Serys Slhessarenko, Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Exmº Sr. General-de-Divisão Mário Matheus de Paula Madureira, Srs. Oficiais, fico muito feliz por estar aqui não apenas porque sou o Presidente da Frente Parlamentar PROANTAR há já alguns anos, mas também pela profunda admiração que tenho por esse programa.

Creio que não tenho nada melhor para falar hoje, aqui, do que o que disse em palestra que fiz ontem para cerca de 100 jovens do 2º grau sobre o PROANTAR.

Além de mostrar fotos da viagem que fiz até a Antártica – a segunda, que da primeira vez não consegui chegar –, disse aos jovens que havia 3 fortes razões pelas quais eles deveriam lutar pelo PROANTAR.

A primeira, pelo nacionalismo, pelo patriotismo, pelo carinho que devemos ter por um país que tem um dos maiores territórios, uma das maiores populações, talvez o maior espaço aéreo e um imenso litoral. Um País como este não tem o direito de não estar em todas as pontas para onde vai toda a humanidade. E uma dessas pontas é a Antártica, com a ocupação séria, respeitosa e ecologicamente equilibrada de suas terras. Só isso já justifica termos naquele continente uma base permanente e que tive o privilégio de visitar.

Fiz questão de lembrar aos meus ouvintes que lamento que não estejamos hoje também na outra ponta, a das pesquisas espaciais. Creio que o Brasil abriu mão delas ao relaxar e diminuir os investimentos nas pesquisas espaciais.

Há 30 ou 40 anos atrás, Índia e China estavam atrás de nós nas possibilidades de desenvolver pesquisas espaciais. Hoje, ambos os países já colocaram astronautas no espaço. Um deles já enviou à Lua uma nave que por lá circunavegou e voltou – é verdade que não chegou a pousar. E nós praticamente paramos. É uma pena a velocidade que adotamos em relação às pesquisas espaciais, pois o Brasil não tem o direito de

ficar de fora dessa disputa pela ocupação do espaço exterior. Mas, felizmente, graças às Forças Armadas, muito especialmente – desculpem-me as outras Forças – graças à Marinha Brasileira, nós estamos levando adiante o programa na Antártica de maneira segura e cuidadosa, firme e progressiva.

Não vejo o momento de termos, como têm os Estados Unidos, um ponto também no Pólo Norte. Mas essa não é uma preocupação para já. O importante é termos a base de pesquisa que temos.

O orgulho nacional de estar na Antártica foi, portanto, a primeira razão que dei a nossos meninos e meninas. Se sentimos orgulho quando 11 brasileiros ganham uma Copa do Mundo, como não sentir o mesmo quando vemos um projeto que, ao longo de anos, firma nossa posição naquele continente?

A segunda razão foi a das relações com a ciência. Não é aquela apenas uma base de posição para prestigiar o orgulho brasileiro. Ali há algo mais. Aquele é o ponto onde serão identificados problemas fundamentais da humanidade inteira em suas relações com a natureza. É lá que temos o melhor ponto para observar os problemas do aquecimento global. Não falamos apenas do descongelamento ou das migrações enlouquecidas das aves, que não reconhecem mais o tempo conforme sua constituição biológica de centenas de milhões de anos. Mais do que isso, falamos de todas as formas de vida que há naquele continente e que estão sendo afetadas pelas mudanças ambientais. E é de lá que se observa, melhor do que em todos os outros lugares, a camada de ozônio. Nós precisamos estar lá para saber o que está ocorrendo de fato com o planeta Terra e, obviamente, para que nós, políticos, tomemos as decisões corretas para fazermos um inflexão no rumo da humanidade, a partir do Brasil, para evitar a tragédia que ali vemos de maneira tão clara.

Finalmente, eu fiz questão de dizer àqueles jovens – mas isso vale para nós também – que há uma razão a mais, que é a pura, a bela, a simples aventura. Viver a aventura é uma das razões pelas quais se justifica ter vida. Eu vi aqueles jovens oficiais, os soldados, os cientistas e os pesquisadores não apenas fazendo ciência, não apenas ocupando espaço, mas vivendo a grande aventura pessoal de estar num território ainda pouco conhecido, inóspito. Eu vi essa aventura, repito.

Não esqueço, durante o vôo de helicóptero do campo de aviação para a base, quando me deram um colete salva-vidas, vermelho, e eu perguntei ao piloto: “Mas se eu cair nesta água eu terei alguma chance de sobreviver por causa desta boia vermelha?” Ele disse: “Não, nenhuma, mas com esta boia encontraremos seu cadáver mais facilmente”. (Risos.) Ou seja, essa

aventura de viver aquele momento também é uma justificativa, porque daqui a décadas haverá voos turísticos para lá.

Portanto, como brasileiro, fico feliz de estar aqui com os senhores sentindo orgulho por estarmos na Antártica, pela possibilidade de conhecimento que lá adquirimos e pela aventura de, como os brasileiros do começo do século XXI, podermos dizer: “*Nós enfrentamos as dificuldades e as vencemos*”.

Contem conosco aqui do Congresso. Sei que os senhores precisam de nós. Sei que a cada ano há um sacrifício, uma luta para conseguirem os recursos necessários. Mas contem conosco, repito. Eu creio que nenhuma outra frente parlamentar trabalhou de forma tão unida para destinar tantos recursos a um programa, especialmente um que não aparece, por estar tão longe.

Eu fico feliz de ser o coordenador dessa bancada. Contem conosco. Nós estamos ao lado dos senhores, porque sabemos que os senhores estão ao lado do Brasil e do futuro. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney. PMDB – AP) – Senador Romeu Tuma, peço a V.Ex^a que ocupe a Presidência dos trabalhos, porque terei que cumprir minha agenda de Presidente da Casa. É que muitas vezes coincidem umas solenidades com outras, mas eu não queria deixar de estar aqui presente para emprestar minha homenagem à Marinha de Guerra do Brasil pelo que tem feito pelo País ao longo da nossa história, nos feitos de que tem participado na construção do nosso País, sobretudo pela sua presença hoje no campo avançado das mais altas tecnologias que nós estamos procurando dominar.

Eu não esqueço nunca o que a Marinha fez no Centro Experimental de Aramar, quando nós descobrimos o enriquecimento do urânio. É ela que prossegue nos estudos e nas pesquisas mais avançadas da ciência brasileira. O mesmo está fazendo na Antártica, onde a Marinha, por meio dos seus representantes, mostra o seu heroísmo, a sua capacidade de sacrifício pelo País à frente daquele centro de pesquisa científica. E é com satisfação que nós vemos que o Brasil continua com uma tradição longa de manter-se no caminho dessas conquistas. Tanto que hoje nós já comemoramos os 50 anos do Tratado Antártico, o que, na realidade, é meio século. Isso mostra que o Brasil vem perseguindo, avançando numa direção de modo que tenhamos hoje a felicidade de comemorar com os senhores, com todo o povo brasileiro, com as Forças Armadas, esta data tão expressiva.

Peço ao Senador Romeu Tuma que presida a sessão.

Cumprimento todos os que estão presentes aqui, principalmente os que compõem a Mesa da nossa Casa. O Senado está profundamente honrado em poder prestar esta homenagem.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O Sr. José Sarney, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Romeu Tuma.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Agradeço ao Presidente Sarney por me dar a oportunidade e a honra de presidir esta importante sessão, que deve ser do conhecimento do Brasil, graças ao Senador Cristovam Buarque, que a programou. S.Ex^a tem feito um belo trabalho na Frente Parlamentar.

Eu digo, Almirante, que hoje a paz reina neste plenário. A espiritualidade positiva com o branco que a Marinha para cá traz provavelmente afastará os maus espíritos que nos têm angustiado muito durante esses últimos dias. A Marinha tem 2 missões muito importantes para a sobrevivência, para a vida, como disse o Senador Cristovam Buarque. Cuida da Amazônia azul e cuida do branco da Antártica, onde realmente se somam para que a vida possa ter continuidade. Eu acho que é essa missão que a Marinha recebe em nosso Governo.

O Senador Renato Casagrande, que aqui se encontra – S.Ex^a praticamente preside as Comissões do Meio Ambiente, por ser engenheiro florestal –, sabe o que significa a presença da Marinha na vigilância, na pesquisa e na busca de meios para que a humanidade continue a sobreviver. É uma de suas responsabilidades o equilíbrio do meio ambiente.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Dando continuidade a esta sessão de homenagem, passarei a palavra aos oradores inscritos.

Com a palavra o Deputado Rodrigo Rollemberg.

O SR. RODRIGO ROLLEMBERG (Bloco/PSB-DF. Sem revisão do orador.) – Exm^o Sr. Presidente desta sessão, Senador Romeu Tuma; Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado Maior da Armada, representando o Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto; Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra João Afonso Prado Maia de Faria; Exm^o Sr. General-de-Divisão Mário Matheus de Paula Madureira, Diretor de Serviço Militar, representando o Exm^o Sr. Comandante Enzo Martins Peri, do Exército Brasileiro; Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia, Sr. Luiz Antonio Barreto de Castro, representando o Exm^o Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia Sérgio Rezende; Exm^{os}. Srs. Oficiais Gerais;

Exm^o Sr. Coordenador-Geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera, Sr. Jefferson Cardia Simões; Sr. Diretor da Secretaria de Biodiversidade e Florestas, do Departamento de Áreas Protegidas do Ministério do Meio Ambiente, Sr. João de Deus Medeiros; Exm^{as}. Sr^{as}. e Srs. Senadores; Exm^{as}. Sr^{as}. e Srs. Deputados, comemoramos o transcurso do 50^o aniversário da assinatura do Tratado da Antártica pelo Brasil e por outros países num momento singular da história do Brasil e, de forma muito especial, da presença brasileira no contexto internacional.

Até pouco tempo atrás, vivíamos um mundo bipolar; depois, num mundo unipolar, e agora caminhamos para um mundo multipolar, o que exige uma presença brasileira cada vez mais firme no cenário internacional. Essa presença se consolidará na medida em que o Brasil tiver Forças Armadas equipadas, aparelhadas do ponto de vista tecnológico e, ao mesmo tempo, quando estiver entre os países que investem na fronteira do conhecimento.

Nesse contexto, é importante ressaltar a presença e a importância do Brasil em seu programa espacial. Conforme enfatizou o Senador Cristovam Buarque, esse programa espacial ainda tem problemas a resolver, mas o Brasil não pode ficar de fora do seleto grupo de países que dominam inteiramente a tecnologia espacial. Somos um país que tem um Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais que já desenvolveu tecnologias para a produção de satélites e tem o melhor local do mundo para lançamento de foguetes. Portanto, temos as condições que nenhum outro país tem de estarmos nesse seleto grupo de países que dominam a tecnologia espacial, fundamental para a previsão de safras agrícolas, para o controle do desmatamento, para as comunicações, enfim, para diversas aplicações.

A Marinha do Brasil tem pelo menos 3 grandes programas estratégicos e fundamentais para alçar o País a essa condição especial em relação ao restante do mundo. Refiro-me, em primeiro lugar, ao Plano de Levantamento da Plataforma Continental Brasileira – LEPLAC, que possibilitará que brevemente o Brasil agregue ao seu território marítimo 960 mil quilômetros quadrados. Se levarmos em conta que as recentes descobertas do pré-sal estão próximas das 200 milhas, em termos de riquezas para o País, isso pode significar que ampliaremos nossa fronteira marítima até o limite das 350 milhas.

Este Congresso Nacional aprovou ano passado – e tive a honra de ser o Relator desse crédito – os recursos necessários para que a Marinha complete os estudos e os apresente à Comissão de Limites da Plataforma Continental da ONU, que já reconheceu o direito do Brasil sobre 750 mil quilômetros quadrados.

Mas a Marinha, representando o Estado brasileiro, não se conformou com essa decisão. Está aprofundando os estudos, com apoio do Congresso Nacional, para que a Comissão de Limites da Plataforma Continental da ONU reconheça o direito do Brasil sobre 960 mil novos quilômetros quadrados de território marítimo.

Em segundo lugar, refiro-me a uma condição também especial do Brasil de dominar o ciclo completo de enriquecimento do urânio a partir de uma tecnologia genuinamente brasileira. Tive oportunidade de conhecer o Centro Experimental de Aramar, da Marinha do Brasil, em Iperó, no Estado de São Paulo. Aquele foi um dos momentos em que senti orgulho de ser brasileiro.

Este Congresso Nacional tem a obrigação de dotar anualmente a Marinha dos recursos necessários para a conclusão desse projeto, estratégico para o País, que é a construção do submarino de propulsão nuclear. O Brasil, que se está colocando entre os países do mundo no primeiro escalão de poder real, que tem as recentes descobertas do pré-sal, que podem modificar a vida de sua população, mas que, ao mesmo tempo, despertam cobiça internacional, não pode abrir mão de desenvolver completamente essa tecnologia e de ter o submarino de propulsão nuclear.

Em terceiro lugar, quero falar do objetivo desta sessão solene de hoje, em que se comemora o transcurso do 50º aniversário da assinatura do Tratado da Antártica e, ao mesmo tempo, o 27º aniversário de criação do PROANTAR, Programa Antártico Brasileiro, assinado em 1982.

Uma das características mais importantes desse programa é a concepção da cooperação científica, pois ali é proibido qualquer tipo de atividade de exploração econômica. É na Antártica que os povos e os setores mais avançados da ciência e da tecnologia do mundo se unem para compreender seu ecossistema, tão importante, tão delicado, fundamental e estratégico para o futuro da humanidade. É naquele ambiente que estão as respostas que todo o mundo procura para as questões do aquecimento global e das mudanças climáticas. É salutar que isso esteja se realizando no momento em que o Brasil alça a condição de 13º País do mundo em produção científica, como anunciou recentemente a *National Science Indicators*, e o país, entre os 20 maiores em produção científica, que mais se desenvolveu cientificamente nos últimos anos.

A produção científica brasileira, entre 2007 e 2008, cresceu 56%. Isso não pode nos fazer acomodar. Pelo contrário, deve servir de estímulo, porque a forma mais inteligente, mais soberana de sairmos dessa crise de forma diferenciada em relação ao resto do mundo é investirmos em ciência, tecnologia e inovação. O nosso

grande desafio é transformar essa produção científica em produção tecnológica, em produtos e serviços que possam oferecer ao povo brasileiro condição cada vez melhor de vida. E a Marinha do Brasil, junto com instituições de pesquisas chefiadas pelo CNPq, tem um papel fundamental na Antártica.

Como disse o Senador Cristovam, além da questão da aventura, além da questão do orgulho, como brasileiros, de estarmos naquela região estratégica do planeta, é fundamental desvendarmos todos os mistérios que possam contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico não apenas do Brasil, mas de toda a humanidade.

Tive a oportunidade e a honra de conhecer a Estação Antártica Comandante Ferraz e observar a bravura, a dedicação e o esforço de marinheiros e de pesquisadores brasileiros, os quais, com muito sacrifício, passam ali um período de 6 meses para garantir a presença brasileira na fronteira do conhecimento, promovendo e participando dessa cooperação científica e estratégica para o futuro do planeta.

Portanto, quero aqui cumprimentar as Forças Armadas, toda a comunidade científica e, de forma muito especial, a Marinha do Brasil, que nos honra, nos orgulha com a sua participação no Programa Antártico Brasileiro.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma PTB-SP)

– Deputado Rodrigo Rollemberg, peço desculpas a V.Exª por não ter anunciado, de pronto, o seu nome. É porque houve uma inversão dos nomes, a fim de conceder a palavra uma vez a um Senador e depois a um Deputado.

Cumprimento V.Exª pelo pronunciamento.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) –

Anuncio a presença em plenário do Ministro Flávio Bierrenbach, a quem convido para tomar assento à Mesa, o que será uma honra para nós, não só pela amizade que temos, mas por S.Exª estar representando, neste momento, o Superior Tribunal Militar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP)

– Dando continuidade a esta importante cerimônia, concedo a palavra ao Senador Sérgio Zambiasi. Em seguida falará o Deputado Jorginho Maluly, para dar continuidade a esta importante cerimônia.

O SR. SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente Romeu Tuma; Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado Maior da Armada, representando o Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto; Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra João Afonso Prado Maia de Faria; Exmº Sr. General-de-Divisão Mário Mateus de Paula Madureira, Diretor do Serviço

Militar, representando o Exmº Sr. Comandante Enzo Martins Peres, do Exército Brasileiro; Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia, Sr. Luiz Antonio Barreto de Castro, representante do Exmº Sr. Ministro Sérgio Rezende, do Ministério da Ciência e Tecnologia; Ministro do Superior Tribunal Militar, Exmº Sr. Flávio Bierrenbach; demais autoridades aqui presentes; Srªs. e Srs. Deputados, Srªs. e Srs. Senadores, com uma área de 14 milhões de quilômetros quadrados, quase o dobro daquela que conforma o Brasil, a Antártica, o Continente Branco, é tão importante para o nosso ecossistema quanto a própria Amazônia. Não por acaso, tornou-se, ao longo das últimas décadas, o continente da ciência, atraindo gradativamente a atenção do mundo inteiro. É para lá que se dirigem pesquisadores das diversas nações em busca de informações e conhecimento que nos permitirão melhor compreender vários fenômenos naturais que se produzem de forma incessante em todo o planeta.

No ano em que celebramos o transcurso do 50º aniversário da assinatura do Tratado da Antártica, convém destacar a importância desse documento firmado em 1º de dezembro de 1959, que vigora desde meados de junho de 1961. Como uma vez salientaram os ingleses, embora soem singelos, os objetivos centrais do acordo são únicos no portentoso e competitivo cenário das relações internacionais: desmilitarizar a região para estabelecer uma zona livre de testes nucleares e de rejeitos radioativos, assegurando o seu uso pacífico, além de promover a cooperação científica internacional e regular as disputas sobre o território.

Quem quer que observe atentamente os termos do Tratado e seus desdobramentos ao longo dessas 5 décadas, não poderá negar o sucesso de sua vigência. Percebe-se um inabalável consenso sobre os princípios nos quais se assenta tão importante acordo. Se o mundo, na vocalização das convicções e vontades e nos atos dos mais relevantes atores políticos globais ainda não consegue atingir uma posição comum sobre temas decisivos para a humanidade – como guerra e paz, por exemplo -, parece que ao menos acerca do trinômio que rege a utilização da Antártica chegamos a um inusitado e benfazejo compromisso.

Aos 12 países que originalmente firmaram o documento, somaram-se, ao longo dos anos, outros 34, garantindo que pelo menos 80% da humanidade esteja hoje representada e observe e comemore o cinquentenário do Tratado. O Brasil, que o integra desde maio de 1975 e que desde 1983 é membro consultivo do Tratado, tornou-se um ator extremamente relevante, reconhecido internacionalmente pelas pesquisas que desenvolve na região. Isso para todos nós é motivo

de extremo orgulho, na medida em que civilizada e ordenadamente, em ação inédita, o mundo consegue avançar sobre um território que ainda se constitui nossa última fronteira.

Esse orgulho nacional, por vezes pouco conhecido dos brasileiros, tem atores sem os quais nada poderia ser feito. Refiro-me às estruturas governamentais que, com seu trabalho acurado e com o esforço de seus servidores, dão vida e forma ao Programa Antártico Brasileiro.

Quero destacar algumas dessas instituições sem as quais o PROANTAR não seria realidade. Refiro-me ao Ministério do Meio Ambiente, que, com seu árduo trabalho, tem garantido que todos os parâmetros de conservação da flora e fauna antártica sejam respeitados naquele continente tão especial. Mais do que isso, o esforço brasileiro é internacionalmente reconhecido, e a estação científica brasileira é considerada um exemplo de preservação em relação ao ambiente em que ela está inserida.

Também relevante é o papel do Ministério da Ciência e Tecnologia, afinal, nosso objetivo naquelas longínquas terras é desenvolver pesquisas de ponta e de qualidade. Esse Ministério é o braço que garante estabilidade ao programa, dá segurança aos nossos cientistas e otimiza recursos para que estejamos todos os anos na Antártica. Com isso, temos condições de coletar ricas séries de dados históricos e montar bancos de informações importantes para interpretar a realidade das atuais mudanças climáticas pelas quais passa o nosso planeta.

Por fim, quero especialmente destacar o papel das Forças Armadas no Programa Antártico Brasileiro, por meio da FAB e, especialmente, da Marinha do Brasil.

É a Aeronáutica que nos dá asas para chegar a um local de tão difícil acesso. E a Marinha do Brasil, que coordena a logística do PROANTAR, merece os nossos mais sinceros e reconhecidos elogios. Elogios por corajosamente manter-se por mais de 25 anos em um local tão inóspito, tão difícil. Elogios por manter o programa ativo, independentemente das dificuldades orçamentárias pelas quais ele passou. Elogios por, ano após ano, incentivar o crescimento das pesquisas, com entusiasmo, mas sempre com segurança e, principalmente, elogios por manter a Estação Antártica Comandante Ferraz e por ter em seus quadros homens e mulheres de brio, de coragem e que deixam suas famílias e seu país para honrar o Brasil como exemplos de dignidade e responsabilidade.

Sr. Presidente Romeu Tuma, senhoras e senhores, como mencionei no início desta intervenção, à Antártica está reservado um papel único e relevante em nosso ecossistema e, quanto mais descobrirmos

acerca de sua realidade e funcionamento, de forma mais segura poderemos entender e eventualmente manejar nosso clima. Um clima, registre-se pelo visto ainda por estes dias no Brasil, que nos tem oferecido tantas manifestações surpreendentes e notadamente danosas de norte a sul do País.

O Estado que me orgulho de representar nesta Casa, o Rio Grande do Sul, como se sabe, situa-se como a mais austral de nossas unidades federadas. Logo, é inegável a atenção que todos nós gaúchos dedicamos às pesquisas e ao futuro da Antártica, na medida em que nosso subsistema pode ser o mais imediatamente afetado pelas alterações climáticas naquela região.

Aliás, permitam aqui um necessário e pequeno parêntese para destacar o momento que o Sul do País vem vivendo. Enquanto observamos alarmados as chuvas intensas no Norte e Nordeste do Brasil, o Rio Grande do Sul, assim como Santa Catarina e Paraná, enfrenta neste momento a pior seca dos últimos 80 anos, e, segundo o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos do INPE, a situação nos Estados do Sul tende a piorar.

A cada dia somos surpreendidos por cenas extremamente preocupantes, como os paredões com filetes d'água, onde antes caíam as Cataratas do Iguaçu, lá no Paraná, ou o Rio Uruguai, na fronteira do meu Estado com a Argentina, que está a mais de 2 metros abaixo de seu nível.

Quase metade dos municípios gaúchos está em situação de emergência por falta de chuvas. Para realçar a gravidade do problema, 21 municípios do noroeste do Estado decidiram suspender suas atividades por uma semana. As escolas serão fechadas. Os postos de saúde atenderão somente emergências. A máquina administrativa vai parar. São medidas desesperadoras nunca antes adotadas, na tentativa de economizar água e recursos para auxiliar as áreas mais atingidas pela maior seca, desde 1929, no sul brasileiro. Insiro essas preocupações neste pronunciamento para reforçar a convicção da importância da pesquisa e da nossa presença na vizinha Antártica.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul mantém o Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas, que vem se tornando uma verdadeira referência nos trabalhos e pesquisas no Continente Branco e que, a partir deste ano, coordena o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera.

Entre o final de novembro do ano passado e meados de janeiro de 2009, por exemplo, pesquisadores gaúchos e fluminenses, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, estiveram na Antártica para estudar temas de extrema importância para o Brasil e o mundo.

Nesse período, dentro da operação denominada Deserto de Cristal, foram observadas as conexões do clima brasileiro com a Antártica, na busca de influências exercidas historicamente entre os sistemas.

Amostras de gelo, ar e rochas coletadas pelo grupo deverão contribuir para o entendimento do impacto que a ação do homem tem gerado na atmosfera nos últimos 2 séculos e meio.

Esse trabalho, que conta com a ativa participação do glaciologista gaúcho Jefferson Cardia Simões, aqui presente, a quem rendo a minha homenagem, da UFRGS, deverá igualmente trazer à compreensão os processos de criação de frentes frias no Brasil e de circulação atmosférica e oceânica no Atlântico Sul.

Durante quase 2 meses, os 8 participantes dessa expedição – o nosso gaúcho Jefferson, mais outros 6 brasileiros e 1 chileno – estiveram na região, adentrando cerca de 2.400 quilômetros a partir da península antártica, em busca de informações e na coleta de amostras para suas pesquisas.

O trabalho que os brasileiros realizam no Continente Branco evidencia a importância que nosso País passou a conceder à pesquisa científica, para a qual concorrem as principais nações do mundo. Ademais, iniciativas dessa natureza revitalizam e conferem ainda mais sentido e visibilidade ao PROANTAR – Programa Antártico Brasileiro, que passou a integrar o Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação. Como observam vários cientistas, durante muito tempo esse programa apenas sobreviveu. Agora, passou a captar recursos suficientes para a realização de pesquisas de alto padrão, cujos beneficiários serão não apenas os brasileiros, mas a própria humanidade.

Vale ressaltar que, com o trabalho da Frente Parlamentar de Apoio ao Programa Antártico Brasileiro, os temas vinculados ao continente gelado estão se tornando mais e mais conhecidos das Casas do Congresso Nacional e, em virtude disso, no exercício anterior nos foi possível injetar o inédito valor de 15 milhões de reais a serem destinados às pesquisas brasileiras na Antártica.

Sr. Presidente, Senador Romeu Tuma, Sr^{as}. e Srs. Deputados, Sr^{as}. e Srs. Senadores, demais autoridades, convidados especiais desta sessão solene do Congresso Nacional, creio que o nosso País, a despeito das óbvias adversidades que o mundo enfrenta no momento, tem conseguido avançar de forma sustentada em um ramo historicamente muito negligenciado por nossas autoridades: a ciência, em suas distintas vertentes. E isso, além de ampliar nossos horizontes como nação, nos proporciona novas e plausíveis expectativas.

Alcançarmos uma compreensão mais avançada e precisa sobre o clima mostra-se indispensável

não somente para a prosperidade econômica, mas, sobretudo, para a preservação da espécie. Assim, entendendo que apoiar as iniciativas de exploração científica da Antártica por pesquisadores nacionais é uma das contribuições mais relevantes que podemos oferecer ao futuro. Nesse sentido, o Poder Legislativo brasileiro, representado pelo Senado Federal e pela Câmara dos Deputados, ainda tem inúmeras contribuições a oferecer.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB – SP)

– Obrigado, Senador.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB – SP)

– Com a palavra o Deputado Jorginho Maluly, representante do DEM.

O SR. JORGINHO MALULY (DEM-SP. Sem revisão do orador.) – Saúdo o Exm^o Presidente desta importante sessão solene no plenário do Senado Federal, amigo da minha família há mais de 30 anos, exemplo de conduta de homem público, do qual tenho a honra de privar da amizade, Senador Romeu Tuma; quero saudar também, com todo o respeito, o Sr. Ministro do Superior Tribunal Militar, Exm^o Sr. Flavio Bierrenbach; o Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado-Maior da Armada, representando aqui o Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto; o Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra João Afonso Prado Maia de Faria; o Sr. General-de-Divisão Mário Matheus de Paula Madureira, Diretor de Serviço Militar, representando aqui o Exm^o Sr. Comandante do Exército brasileiro, General-de-Exército Enzo Martins Peri.

Aproveito para parabenizar o serviço militar. Nós, que somos do interior de São Paulo, convivemos de perto com os nossos jovens dos Tiros de Guerra, os nossos atiradores. Tenho certeza, General, de que se houvesse oportunidade de mais jovens participarem da atividade do Tiro de Guerra teríamos muito menos problemas de violência com a nossa juventude.

Quero saudar também o Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do MCT, Sr. Luiz Antonio Barreto de Castro, representando o Exm^o Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Resende; os Srs. Oficiais-Generais, Senhores Almirantes, Contra-Almirantes e Brigadeiros, enfim, todos aqueles que representam as Forças Armadas neste momento; o Coordenador-Geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera, Sr. Jefferson Cardia Simões; o Diretor do Departamento de Áreas Protegidas da Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, Sr. João de Deus Medeiros, e demais autoridades já mencionadas pelo Plenário.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Sr. Deputado, peço licença para convidar o Sr. Ministro Carlos Minc para fazer parte da Mesa e agradecer sua presença.

O SR. JORGINHO MALULY (DEM-SP) – O Exm^o Sr. Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, abrilhanta ainda mais esta sessão.

Srs. Senadores aqui presentes, em nome do Senador Renato Casagrande, que me deu a honra de conviver com S.Ex^a no período em que tivemos no território Antártico, quero saudar todos os colegas do Senado Federal.

Sr^{as.} e Srs. Deputados presentes, saúdo todos em nome do meu amigo Lelo Coimbra, que também, juntamente com o Paulinho e outros companheiros, nos permitiu fortalecer ainda mais a nossa amizade no período em que lá estivemos.

Senhoras e Senhores, telespectadores que nos assistem pela *TV Senado*, meus amigos e minhas amigas, Presidente Romeu Tuma, Ministro Carlos Minc, o meu pronunciamento aqui hoje se baseará em 3 vertentes. A primeira, a gratidão. Gratidão pela oportunidade que Deus me deu de chegar ao Congresso Nacional e aqui estando, com pouco mais de 1 ano de mandato, poder partilhar e compartilhar de uma experiência de vida que poucos no mundo – não apenas no Brasil, mas no mundo – têm de conviver diretamente com a origem dos tempos, com a origem da natureza e a origem até de nosso planeta Terra, em termos de civilização.

Infelizmente, o que levou à expansão do homem pelo território do nosso planeta sempre foi a ambição por novas fronteiras comerciais e de lucro. E na Antártica não foi diferente. No começo era pela caça às baleias e às focas, mas, graças a Deus, a Antártica deu o exemplo de que se pode mudar essa realidade, de que o homem pode entender que se explorar indevidamente, inescrupulosamente os escassos recursos do nosso planeta, comprometerá o futuro das novas gerações.

Essa gratidão, querido Almirante, vem porque estou dando sequência ao que um dia o meu pai pode fazer. Lembro-me como se fosse hoje, ainda mais jovem, um adolescente, quando meu pai mandava notícias de que estava a caminho do território Antártico. A imaginação fértil começava a pensar o que seria, como seria essa emoção de trilhar os caminhos que Scott e Amundsen começaram por volta de 100 anos atrás.

Hoje, a Marinha, o Exército, a Aeronáutica e o povo brasileiro, de quem somos representantes – embora não queiram dizer, Ministro, mas somos, sim, e tenho muita dignidade em dizer isso –, pelo voto popular, que

nos trouxe a esta Casa e nos deu a oportunidade de compartilhar esta experiência de vida inesquecível...

Aproveito este momento para fazer um desabafo: lamentar a maneira como a imprensa brasileira trata o Congresso Nacional, os Senadores e os Deputados. Normalmente, a experiência de quem vai à Antártica dura 24 horas, ou até menos. Decola-se pela manhã de Punta Arenas, no Chile, passa-se o dia na Estação Comandante Ferraz ou na Base Eduardo Frei e, no final do dia, retorna-se, para não atrapalhar o andamento das pesquisas, porque lá é um local de trabalho, não é local de passeio, sequer existe estrutura para isso.

Lamentavelmente, num primeiro momento, achamos que não tivemos sorte, Senador Casagrande, quando ficamos retidos 5 dias, mas ao passar dos dias e das horas vimos que, na verdade, não fomos desafortunados, fomos, sim, afortunados, porque com aquela intempérie pudemos conviver um pouco mais com os pesquisadores, com os nossos militares, e conhecer um pouquinho mais do que de tão importante é realizado naquele Continente pelos nossos pesquisadores, cientistas e militares.

E a notícia divulgada pela mídia foi: *“Deputados continuam fazendo o que sempre fizeram – nada”*. Porque dissemos que estávamos sentados em uma sala de 40 metros quadrados, mais de 50 pessoas, durante 5 dias, e que alguns à noite jogavam paciência para poder relaxar daquela tensão de ficar retido lá a menos de 15 graus.

Mas não importa. Isso só serviu de motivação e de dedicação para que nos tornássemos garotos propaganda do PROANTAR, da Marinha, do Exército e da Aeronáutica nas suas atividades e pesquisas.

E essa gratidão quero fazer em nome de algumas pessoas, porque não tenho a relação de todas aqui comigo. Primeiro, ao Comandante Bentinho, nosso anfitrião no navio que nos permitiu fazer um conhecimento da Base e inclusive dormirmos uma noite enquanto lá estávamos; ao Comandante Bento, hoje Almirante, pela maneira como nos recebeu desde o Rio de Janeiro; ao Comandante André, que está presente neste plenário, e em seu nome quero agradecer toda a equipe da Marinha que nos acompanhou desde o primeiro até o último minuto da nossa ida e volta ao Continente Antártico; e ao Brigadeiro Kerson, da Aeronáutica brasileira, por toda a estrutura, apesar das dificuldades com o nosso Hércules, aquele jipe voador, mas que com segurança nos deu uma experiência de vida que poucos têm de lá estarmos.

Eu cresci, Srs. Generais, Srs. Almirantes, Sr. Ministro, no interior de São Paulo. Quando era pequeno, 3 figuras eram marcantes para as crianças que moravam no interior. A primeira era a batina do padre, porque

ele era o grande líder que se movimentava e no seu sermão fazia política e apologia. Na época, o padre era um grande adversário político de meu pai, então, a batina representava uma figura meio complicada na minha vida. Mas hoje temos uma relação muito cordial, porque sou um homem de fé, sou cristão, e reconheço a importância daqueles que têm a missão de pregar a palavra de Deus.

A outra figura, sem dúvida nenhuma, e continuo respeitando cada vez mais, é a farda, seja ela qual for. Fui Prefeito por duas vezes, fui Vereador, hoje Deputado Federal, e sempre digo, quando posso, nas solenidades oficiais dos militares, principalmente aos jovens cadetes, cabos e soldados, da responsabilidade de vestir uma farda, da responsabilidade de ter as galhardias, todas essas identificações que cada um vai alcançando com o passar da carreira. Ser militar não é para qualquer um. Fica aqui o registro do meu respeito pelas Forças Armadas e da minha gratidão.

A outra é a figura do médico. Na época, os médicos de branco, meu pai e meu avô eram médicos e eu cresci dentro de um hospital vendo a atividade do meu pai. Aquilo marcou a minha vida.

A segunda palavra é o comprometimento, o compromisso de apoio irrestrito na busca de recursos, na busca de investimentos, na busca de infraestrutura para todas as atividades da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, não só quanto ao Proantar, mas quanto a todas as atividades fundamentais que os senhores exercem na defesa da soberania nacional deste grande e amado país chamado Brasil.

Por último, Sr. Presidente, para não se tornar extenso, porque já se falou muito, já se mostrou muito da importância destes 50 anos e destes 27 anos, manifesto uma preocupação, porque são 3 as origens, as nascentes desse programa: a paz mundial; a pesquisa do meio ambiente, Ministro Minc; e a questão do turismo sustentável, de uma forma correta. Dessa maneira, permitiu-se uma união entre a sociedade civil e os militares, através do entrelaçamento das universidades, dos professores, mestres e doutores nesse programa do Proantar. E a preocupação, Srs. Generais, Srs. Almirantes, Srs. Senadores e Srs. Deputados, é que alguns países já começam a cobiçar o domínio territorial de parte da Antártica.

Aquilo que originou o conhecimento inicial na pesquisa da busca de novas fronteiras de caça não pode – quanto a isso o Brasil tem que se manifestar firmemente – permitir que essa ambição venha ceder à tentação de alguns mais poderosos quererem suplantarem os menos poderosos e tomarem conta daquele território.

Registro este recado e esta preocupação. Lá está o Chile, nosso coirmão, mas que já coloca uma placa, quando se chega lá, com o nome da cidade e a população que ali vive; os oficiais já levam suas esposas e famílias; já existe escola. Da mesma maneira, a Argentina e a Nova Zelândia.

Finalizando, Sr. Presidente, senhoras e senhores, registro a minha gratidão por esta oportunidade, o meu comprometimento com a causa e a minha preocupação para que ninguém, de maneira alguma, deturpe as nobres finalidades daquele programa que, tenho certeza, ainda dará muitos bons frutos para o Brasil e para o mundo.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Obrigado, Deputado. Parabéns!

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Concedo a palavra ao Senador Roberto Cavalcanti.

O SR. ROBERTO CAVALCANTI (PRB-PB. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Romeu Tuma; Sr. Senador Cristovam Buarque, primeiro signatário do requerimento que proporcionou esta nossa sessão; Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado-Maior da Armada, representando o Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto; Exmº Sr. Almirante-de-Esquadra João Afonso Prado Maia de Faria; Exmº Sr. General-de-Divisão Mário Matheus de Paula Madureira, Diretor de Serviço Militar, representando o Exmº Sr. Comandante do Exército Brasileiro, Enzo Martins Peres – como Parlamentar da Paraíba, não poderia deixar de fazer uma referência especial ao General Enzo, cuja passagem por aquele Estado foi marcante e brilhante, como toda a sua trajetória profissional; Sr. Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do MCT, Luiz Antonio Barreto de Castro, representando o Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende; Exmºs. Srs. Oficiais-Generais; Srs. Senadores, Srªs. Senadoras, minhas senhoras, meus senhores, duas fortes razões me trazem a esta tribuna. Uma, como cidadão, como ser vivo, empresário que muitas vezes se preocupava com a perpetuação da empresa, que criava os filhos e fazia com que eles tivessem uma formação profissional, para que suas atividades pessoais fossem perpetuadas.

Porém, era um daqueles cidadãos que não tinha mas que, pouco a pouco, foi adquirindo consciência ambiental, a consciência de que, como ser vivo, antes da perpetuação de qualquer atividade empresarial, mais vale a perpetuação da nossa espécie.

Esta sessão tem uma forte ancoragem, uma forte base no aspecto ambiental, com o que o mundo pouco a pouco se preocupa e a respeito de que o mundo pouco a pouco evolui.

O Brasil, na verdade, tem dado exemplos dessa evolução de pensamento e graças a atividades exercidas pelo Governo brasileiro, através da Marinha do Brasil e de outras entidades, tem feito nosso registro como inseridos neste conceito mundial de preocupação com o meio ambiente.

Em segundo lugar, a outra forte razão que me traz aqui é um carinho especial pela Marinha do Brasil. A Marinha faz parte da minha história de vida, indiretamente. Eu sou velejador, e todo velejador tem pela Marinha uma aproximação automática.

Membros de gerações anteriores de minha família também eram praticantes do esporte à vela. Tive um tio que era oficial da Marinha Mercante durante a Segunda Guerra Mundial, comandante de um cargueiro da Marinha Mercante Brasileira, à época, o Lloyd brasileiro. Isso traz para mim, quando criança, a imagem daquele ídolo que chegava lá em casa, vestido como V.Exªs, de branco, com quepe. Para mim, ele era um ídolo.

Temos para com a Marinha do Brasil, familiar e pessoalmente, um carinho especial. Essas duas fortes razões fazem com que eu esteja hoje nesta tribuna.

Ao comemorarmos hoje os 50 anos do Tratado Antártico, não estamos apenas lembrando um evento histórico importante, mas, sobretudo e antes de qualquer outra coisa, deveríamos evocar o exemplo de cooperação e de colaboração entre as nações que nos dá esse Tratado, assinado em um momento em que as relações internacionais ainda se desenvolviam nos estreitos e acidentados limites impostos pela Guerra Fria.

De fato, Sr. Presidente, no contexto daquele conflito latente entre duas metades do mundo, o Continente Antártico tinha tudo para se transformar em mais um palco, em mais uma frente da guerra muda que opunha as grandes potências.

A assinatura do Tratado, de certo modo, conseguiu preservar a Antártica para o mundo e para as futuras gerações. Mais do que isso: o Tratado permitiu que se constituísse, ao longo de 5 décadas de sua vigência, um tesouro de conhecimentos que cada vez mais se tornam absolutamente estratégicos até mesmo para a sobrevivência da nossa espécie.

Sem toda a ciência que a exploração científica da Antártica permitiu ao longo dos últimos 50 anos, nossa compreensão do clima terrestre e das transformações por que passa seria hoje muito mais restrita. E todos sabemos como, a cada ano, se torna cada vez mais relevante compreendermos o que nos espera, em termos das complexas e ainda parcialmente incompreendidas mudanças climáticas que temos observado.

Hoje sabemos que os 14 milhões de quilômetros quadrados da Antártica têm importância vital para todo

o planeta. Esse imenso continente gelado tem influxo direto em nossas vidas, influenciando as correntes marítimas, afetando o regime de chuvas e as variações de temperatura em todo o mundo, com reflexos diretos não só nas atividades agrícolas, como também na própria saúde humana.

O Brasil entrou tardiamente para o clube dos signatários do Tratado Antártico, mas nem por isso tem uma participação menos importante nos esforços conjuntos que esse acordo internacional promove e estimula.

Há 2 anos, nosso Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) completou 25 anos. Quero aproveitar este meu pronunciamento para render justa homenagem a esse programa, que deveria ser mais conhecido e, conseqüentemente, mais valorizado.

O Brasil assinou o Tratado da Antártica no ano de 1975 e criou o PROANTAR pelo Decreto nº 86.830, de 12 de janeiro de 1982. Menos de um ano depois, já se iniciaram as ações científicas, com a Operação Antártica I, realizada a bordo do Navio de Pesquisa Oceanográfica Barão de Teffé, da Marinha do Brasil, e do Navio Oceanográfico Professor Wladimir Besnard, da Universidade de São Paulo.

Essa expedição desbravadora foi extremamente importante, pois, além das relevantes pesquisas desenvolvidas pelos 2 navios em solo antártico, contribuiu decisivamente para a aceitação do Brasil como membro consultivo do Tratado da Antártica, ainda em 1983. Isso significa dizer que nos tornamos membros com direito a voz e voto e que passamos a integrar um seleto grupo de apenas 27 países que decidem sobre as atividades e o futuro do Continente Branco – como também é conhecida a Antártica.

Em 1984, o Brasil foi aceito como membro pleno do Comitê Científico sobre Pesquisa Antártica, órgão internacional que promove e coordena a ciência antártica.

A Antártica, Sr. Presidente, minhas senhoras e meus senhores, forma, juntamente com o fundo dos oceanos e o espaço cósmico, o conjunto das últimas fronteiras da ciência internacional. Estão proibidas na região atividades militares, explosões nucleares e depósito de lixo radioativo. Sempre que um país deseje desenvolver atividades no Continente Branco, deve consultar os demais.

Em 1991, 30 anos após o Tratado, foi assinado o Protocolo do Tratado da Antártica para a Proteção ao Meio Ambiente, que ficou conhecido como Protocolo de Madri, e entrou em vigor em 1998.

Em tempos de acaloradas e controversas discussões acerca das conseqüências do excesso de gás carbônico na atmosfera, do efeito estufa e do

aquecimento global, o Continente Antártico constitui-se em local privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas acerca dessas questões. É naquele local, Sr. Presidente, como já sugeri, que melhor podem ser observados os efeitos do aquecimento global e sua influência sobre o clima do Brasil.

A Antártica é o único continente sem divisão geopolítica. Seus quase 14 milhões de quilômetros quadrados correspondem a cerca de 10% da superfície do nosso planeta, mas, no inverno, essa área chega quase a dobrar, por causa do congelamento de largas porções de águas circunvizinhas. Trata-se de um continente de superlativos: o mais isolado, o mais frio, o mais ventoso, o mais elevado e o mais seco – sim, seco, porque toda a umidade presente no ar condensa-se e vira gelo. Nele estão localizados o pólo sul geográfico e o pólo sul magnético do globo terrestre.

Cerca de 99% de sua área está coberta de gelo durante todo o ano – uma imensa camada branca com altura média de mais de 2 quilômetros! Essa cobertura de gelo faz com que a Antártica tenha uma altitude média mais de 3 vezes superior à de qualquer outro continente.

Sr. Presidente, essa altura média do Continente Antártico é um dado que realmente nos surpreende.

Trata-se do maior reservatório de água doce do mundo – 80% do gelo do planeta e 90% da sua água doce. Caso todo esse gelo um dia derreta, o nível dos oceanos subirá nada menos do que 60 metros!

Desde 1984, o Brasil possui instalações fixas para pesquisa em solo Antártico, a Estação Comandante Ferraz, que está situada na Baía do Almirantado, na Ilha Rei George, Arquipélago Shetland do Sul, e alicerça a presença do nosso País no Continente Antártico. Essas instalações têm, atualmente, 63 módulos com laboratórios, oficinas, enfermaria, lavanderia, cozinha, sala de estar, sala de vídeo, biblioteca, sala de informática, camarotes e uma sala de ginástica. A estação pode acomodar cerca de 60 pessoas.

Devido às grandes dificuldades e aos altos custos envolvidos no acesso àquela região, o Programa Antártico Brasileiro é dividido em operações anuais, o que facilita todo o deslocamento de pessoal e a ordenação dos trabalhos ali desenvolvidos.

Sempre no mês de outubro, parte o Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel levando suprimentos para reabastecimento da Estação Ferraz; equipamentos científicos; combustível para abastecimento da estação, das embarcações e aeronaves; e também, além da tripulação do navio, membros da equipe de manutenção das instalações, cientistas e militares que dão apoio às atividades de pesquisa.

Neste ano em que comemoramos os 50 anos da assinatura do Tratado Antártico, fiz questão de vir a esta tribuna expressar meus votos de que possamos estender, cada vez mais, nossas atividades naquele continente estratégico, aprofundar nossos conhecimentos científicos sobre uma região ainda pouco compreendida e continuar a coletar informações importantíssimas, que lancem mais luz acerca dos rumos que o clima do nosso planeta tomará no futuro próximo.

Faço, ainda, votos de que o exemplo de cooperação internacional pacífica, voltada a execuções de fins valiosos para toda a humanidade, em substituição ao paradigma da competição e do conflito entre nações, possa vir, cada vez mais, a se tornar um modelo profícuo para as relações internacionais.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP)

– Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Renato Casagrande, um grande líder em defesa do meio ambiente que preside várias Comissões e participa de outras, todas sobre esse assunto tão importante. (*Pausa.*)

Primeiramente vou conceder a palavra ao Deputado Lelo Coimbra. Em seguida, falarão o Senador Renato Casagrande e o Ministro Carlos Minc, que também solicitou a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Concedo a palavra ao Deputado Lelo Coimbra.

O SR. LELO COIMBRA (Bloco/PMDB-ES. Sem revisão do orador.) – Boa tarde a todos. Inicialmente, quero cumprimentar o Senador Romeu Tuma e estender o cumprimento a todo o Senado Federal, em particular ao Senador do meu Estado, Renato Casagrande. Cumprimento o Ministro Carlos Minc pelo seu arrojo, dinâmica, compromisso e representação brasileira no cuidar dessa importante política pública do Ministério. Saúdo o Ministro do Superior Tribunal Flavio Bierrenbach; o Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho; o Sr. General-de-Divisão Mário Matheus de Paula Madureira; o Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do MCT, Luiz Antonio Barreto de Castro, em representação; os Srs. Oficiais-Generais; o Coordenador-Geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, Jefferson Cardia Simões; o Diretor do Departamento de Áreas Protegidas da Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, Sr. João de Deus Medeiros, e as demais senhoras e senhores convidados.

Quero fazer um registro carinhoso ao Senador Cristovam Buarque por representar, pelo Senado, a Frente Parlamentar do Programa Antártico; à minha querida companheira e amiga Deputada Maria Helena, que, carinhosamente, me designou, de maneira com-

partilhada, para estar aqui hoje e fazer esta manifestação; e a todos os pesquisadores, na pessoa da Dra. Cristina, Diretora do Centro de Artes do Espírito Santo, que, dentre os pesquisadores, representa o trabalho da pesquisa em arquitetura naquele continente.

Quero agradecer a todos aqueles que têm tido conosco uma grande e recíproca relação em torno do tema PROANTAR e em torno do papel da Marinha, do Exército e da Aeronáutica naquele continente.

Como bem disse o Deputado Jorginho Maluly, S.Ex^a, eu, o Paulo e o Renato estivemos juntos num grupo que, pela adversidade da nossa retenção por um período maior, acabou tendo o prazer, que muitos não tiveram, de ter acesso a mais informações, de visitar mais missões de outros países e de poder acompanhar por mais tempo aquele trabalho.

Houve um momento em que o grupo decidiu esperar o avião e não fazer a travessia do Mar de Drake, mas eu estava desejoso de fazê-la porque havia lido, um ano e meio antes, o *Endurance*, de Shackleton, e a possibilidade de fazer aquela travessia me excitava. Com voto vencido, não fizemos a travessia, mas acabamos vivenciando um importante momento naquele continente.

Sabedor de que hoje todos fariam do presente e do contemporâneo, preferi fazer um registro do que nos levou ao Continente Antártico, para fins de registro nos Anais da Casa, pela importância desta solenidade.

Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Congressistas, o interesse pela região sul do Globo existiu desde a antiguidade. Em 500 a.C., Pitágoras já aventava a hipótese de a terra ser redonda. Ptolomeu, de Alexandria, em 150 d.C., em seu livro *A Geografia*, afirmava que, para a terra ser redonda, deveria conter em sua base um continente: Terra Australis Incognita. Em 1486, apareceu na Alemanha o mapa onde a Terra Australis Incognita era unida à África.

Após a viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães, em 1520, a atenção da Europa foi despertada para a região Antártica. Prevalecia, então, a ideia de que a terra Australis constituía um vasto continente que, centrado num polo, prolongava-se até a altura do extremo norte da Austrália, projetando-se também até as proximidades da África e da América do Sul.

Em 1570, outro mapa apareceu na Antuérpia, onde o continente era ligado à América do Sul. Após a viagem de Drake, em 1577, ela passou a ser representada unida à Austrália. Em 1620, holandeses navegaram ao sul da Austrália e, a partir de então, ficou provado que ela não estava ligada a nenhum continente conhecido.

Várias viagens foram feitas com aproximação cada vez maior da região Antártica, entre elas a do

Comandante James Cook, do Reino Unido, em 1772, sendo que, em 1819, o inglês William Smith avistou as Ilhas Shetland do Sul, onde hoje existem muitas bases antárticas, e relatou, naquela época, sobre a quantidade de focas e baleias encontradas, o que atraiu uma infinidade de aventureiros para auferir lucros com a gordura animal.

Foi um caçador de baleias e focas, o americano Nathaniel Palmer, quem conseguiu avistar, ainda em 1820, o Continente Antártico pela primeira vez. Nesse mesmo ano, expedições de Bellingshausen, da Rússia, e Bransfield, do Reino Unido, também viram o continente. Pelo fato de os caçadores de focas e baleias continuarem avistando terras, aumentou-se a suspeita de que se havia finalmente descoberto o Continente Antártico, o que foi confirmado com as expedições que ingleses, americanos e franceses enviaram com o propósito de realizar investigações científicas e penetrar, o mais possível, para o sul. Essas expedições, juntamente com as russas, belgas e norueguesas, continuaram por todo o século XIX.

O que se observava na Europa, ao final daquele século, era um acentuado interesse científico por ambas as regiões polares, o que viria a dar origem à criação da Comissão Polar Internacional, que, reunida na Alemanha em 1879, decidiu promover o Primeiro Ano Polar, no período de 1882 a 1883, com a participação de 12 países, com a manifesta intenção de empreender pesquisas. Iniciava-se, dessa forma, a prática da cooperação científica nas extremidades geladas da Terra.

No século XX intensificou-se ainda mais essa penetração, até que, em 14 de dezembro de 1911, *Roald Amundsen* fincou a bandeira norueguesa no Polo Sul. Grã-Bretanha, França, Bélgica, Escócia, Austrália, Japão, Noruega e Alemanha estavam entre as nações que manifestavam maior interesse na região, participando ativamente de pesquisas científicas.

A esse movimento procuraram associar-se a Argentina e o Chile, estabelecendo, respectivamente, em 1904 e em 1906 suas estações de pesquisa na periferia do Continente Antártico.

Terminada a fase heroica da conquista da Antártica não cessaram as investigações científicas do continente e, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha enviou, em 1943, uma expedição para instalação de estações meteorológicas na Península Antártica – Graham.

Em 1942, os alemães se serviram das Ilhas *Kerguelen* como posto de reabastecimento de um navio corsário, o Pinguim, que já havia tomado mais de 136 toneladas de cargas aliadas quando foi afundado. Entre 1939 e 1941, os Estados Unidos começaram a

ocupar, permanentemente, suas bases, usadas anteriormente por expedições americanas com caráter científico-estratégico.

Em dezembro de 1946, os Estados Unidos organizaram a maior expedição já enviada à Antártica, a Operação Highjump. Era chefiada pelo Almirante Byrd, que havia sobrevoado o Polo Sul, em voo pioneiro, em 1928, e composta por 4.700 homens, dos quais 1.600 tomaram parte nas investigações científicas em 9 navios, um quebra-gelo, um submarino, helicópteros e aviões que conseguiram realizar descobertas científicas bastante importantes e deram também a maior demonstração de força na região.

Em 1947, o Chile estabeleceu sua primeira base na Ilha Greenwich, na Shetland do Sul.

Produto de intensa movimentação da comunidade científica mundial, foi celebrada, em 1955, a chamada Conferência de Paris, organizada para tratar exclusivamente de assuntos relacionados com o Continente Antártico.

O advento do Ano Geofísico Internacional, de 1957 a 1958, levou o Continente Antártico a transformar-se em um vasto laboratório, onde 12 países instalaram 60 estações de pesquisas e, independentemente de suas posições com referência à Antártica ou ideologias políticas, trabalharam e trabalham ombreados.

Como resultado da cooperação científica, levantou-se a hipótese de se continuarem as explorações e pesquisas nos mesmos moldes, e as tratativas sobre o assunto, iniciadas em 1959, conduziram à assinatura do Tratado da Antártica.

Neste momento em que comemoramos os 50 anos do Tratado da Antártica, não poderíamos, e não podemos, deixar de referenciar a história daqueles que nas mais complexas adversidades puderam chegar, delinear, mapear, detectar sua importância e fazer dali um polo de encontro em defesa do mundo, da sobrevivência humana com sustentabilidade.

Sr. Presidente, o Brasil aderiu ao tratado em maio de 1975, sem direito a voto. Sua admissão como membro consultivo só aconteceria em 1983, após a ratificação dos seus interesses científicos no continente com a criação do Programa Antártico Brasileiro, em 1982.

O programa vem marcando a presença brasileira na região Antártica, mostrando à comunidade internacional o firme interesse nacional brasileiro naquela área.

São inúmeros os motivos que levaram o Brasil a se firmar na Antártica. Nesse contexto se destacam a situação geográfica brasileira, que sujeita nosso território a fenômenos meteorológicos e oceanográficos originários da área Antártica; os fortes indícios de existência de grandes reservas minerais; a fauna marinha

abundante, passível de exploração em larga escala para fim de conhecimento científico; a intensificação do tráfego marítimo internacional pelas rotas do Cabo e dos Estreitos de Drake e Magalhães, com reflexos nas águas jurisdicionais brasileiras; e o crescente interesse da comunidade internacional na região, que gera importantes desdobramentos nas relações entre os Estados e no Direito Internacional.

Cabe ressaltar a importância do PROANTAR na Marinha brasileira, que contribui para o compromisso do Tratado da Antártica e para a evolução da ciência Antártica, garantindo a participação do Brasil nas decisões sobre o futuro continente.

O registro que além da história brasileira nos levou a percorrer este caminho, a assinar o PROANTAR e ao mesmo tempo desenvolver as pesquisas que lá estão remete-nos a lutar de maneira incessante para que o Governo brasileiro possa, cada vez mais, através do empenho dos Ministérios envolvidos e do Poder Executivo principal, nosso Presidente, ter a capacidade de fazer investimentos importantes, superar dificuldades de sustentabilidade da atividade naquele continente, com fortalecimento das nossas ações.

Para nós, visitar o Continente Antártico, além de uma aventura, como disse aqui o Senador Cristovam Buarque, uma bela aventura, foi um fortalecimento do nosso conhecimento. Foi preciso que eu me tornasse Parlamentar, já tendo sido Vice-Governador de Estado, já tendo exercido outros mandatos de Deputado local, para que pudesse ter contato com aquela realidade e tomar conhecimento de um trabalho importante realizado pelo Governo brasileiro.

Em particular, refiro-me às Forças Armadas. Sou filho de militar. Como o Deputado Jorginho Maluly, cresci conhecendo a farda e a caserna, e aprendi com os militares a sua disciplina, o seu formato de trabalho. Como Vice-Governador, tive ao meu lado um grupo de trabalho oriundo de militares. Talvez tenha sido o grupo de trabalho mais interessante com o qual trabalhei durante 4 anos, permanentemente.

Em particular, quanto ao trabalho na Antártica, foi muito importante conhecê-lo e, ao mesmo tempo, acompanhar como a adversidade das condições climáticas, a adversidade do confinamento humano num trabalho como aquele faz com que a disciplina seja o elemento fundamental para que o que é vivenciado pelo mundo, em particular pelo Brasil, possa, com focos objetivos, com ações objetivas e com resultados para o País e para o mundo, nos dar a alegria de sabermos que ali tudo está sendo muito bem cuidado.

É preciso remeter para este Congresso, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados, e para o Executivo o chamamento cada vez mais sólido da atenção

para nossas responsabilidades, para que possamos lutar pelo fortalecimento daquela atividade que, para nós, representa hoje um polo de grande importância para o desenvolvimento sustentável do mundo e para o compartilhamento do Brasil diante das possibilidades que aquele continente encerra.

Espero que nos próximos 50 anos possamos vir aqui, de maneira muito mais vibrante, falar dos resultados dos trabalhos que terão sido realizados até aquele momento.

Um grande abraço e felicidades. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP)

– Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande.

O SR. RENATO CASAGRANDE (PSB-ES. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Romeu Tuma, Sr. Almirante de esquadra, Aurélio Ribeiro da Silva Filho; Sr. General de divisão do Exército do Serviço Militar, Mário Matheus de Paula Madureira; Sr. Luiz Antonio Barreto de Castro, Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia; senhores oficiais; Sr. Ministro Carlos Minc, do Meio Ambiente; Sr. Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera, pesquisador Jefferson Simões; Sr. Diretor da Secretaria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente, Sr. João de Deus Medeiros; senhoras e senhores; pesquisadores, quero registrar a alegria de participar desta sessão solene.

Ao Deputado Lelo Coimbra, que acabou de se pronunciar, ao Deputado Paulo, ao Senador Cristovam Buarque, autor desta sessão solene, à Deputada Maria Helena, ao Senador Romeu Tuma, o meu muito obrigado pela atenção e pelas referências.

Todos já falaram sobre a importância do tratado, o que estamos fazendo no continente antártico, a importância do Brasil presente com uma unidade, com uma estação de pesquisa, a importância do continente nas mudanças globais, no regime de chuvas, enfim, em tudo o que acontece, especialmente no nosso continente americano.

O continente antártico, pela sua dimensão, pela sua riqueza, por não ter ainda a presença do ser humano, portanto, um ecossistema e um bioma virgens, tem servido muito aos nossos pesquisadores no sentido de desenvolverem trabalhos comparativos com outras regiões do planeta. O que a nossa atuação, num ambiente totalmente alterado, tem causado?

Tivemos oportunidade de estar presentes, uma única vez, no continente antártico, o que já é um privilégio, porque nem todo mundo pôde ir. Ainda bem que nem todo mundo pôde ir, porque temos de preservá-lo para o trabalho de pesquisa, de monitoramento,

de comparação que temos de fazer. Para isso, tem que ser um ambiente, de fato, totalmente preservado, apesar de que, como vivemos num globo, o que fazemos aqui interfere lá, causando problemas sérios, que retornam para cá, de mudanças do ambiente que estamos vivendo.

Historicamente, presenciamos muitas mudanças no regime de chuvas, nas estiagens. Mas, agora, estamos vivenciando esses problemas com maior intensidade. Parte do que estamos vivendo – quase todos são unânimes em afirmar, com algumas exceções – é decorrente das mudanças que se promovem no planeta Terra, é a consequência disso que nós já estamos sentindo efetivamente.

Então, quero registrar a importância do tratado, a importância da presença brasileira na Antártica, da importância do trabalho que nossos pesquisadores fazem na nossa Estação lá.

Aqui se encontram presentes alguns pesquisadores. Estive na Antártica com alguns dos senhores na época em que visitamos a estação. É um orgulho vermos a presença de brasileiros na Antártica.

Então, quero fazer uma saudação e uma homenagem aos nossos pesquisadores, que estão lá trabalhando com muito afinho e com muita determinação. Para ficar lá 1, 2, 3, 6 meses têm de amar, têm de gostar, porque é uma luta que tem de estar identificada com a concepção de vida, com a ideologia, com o sonho de cada um.

Minha homenagem e do meu partido, PSB, a todos os senhores que se dedicam tanto a esse trabalho, que gostam tanto desse trabalho e que muito nos orgulham com a presença na Antártida. Faço homenagem à Marinha brasileira, almirante, pelo trabalho que faz naquela base. Se os pesquisadores ficam lá por um tempo, os militares ficam muito mais tempo ainda isolados – não tão isolados, porque já estão conectados com o mundo.

Tenho certo comportamento militar, porque gosto das coisas muito bem organizadas e disciplinadas. Fico feliz em ver o apoio que se tem dado a um programa como o da Antártica.

Portanto, saúdo a Marinha, a Aeronáutica, que também dá suporte a esse trabalho, e o Exército brasileiros.

Ministro Minc, reconheço que temos um papel importante. Nós da esquerda, no passado, já tivemos atritos com as Forças Armadas de diversos países, inclusive a do nosso Brasil. Hoje, militamos na esquerda, que geralmente está engajada na luta ambiental, mas os nossos principais aliados são as Forças Armadas. Vejam como o mundo dá volta! Avançamos na democracia.

As Forças Armadas têm um papel estratégico em diversas áreas da nossa sociedade, do nosso País, do Estado brasileiro, mas têm um papel fenomenal na preservação dos nossos biomas, dos nossos ecossistemas. A presença do Brasil na Antártica tem um papel fundamental no desenvolvimento do Plano Setorial dos Recursos do Mar. São diversos programas vinculados ao plano setorial.

Então, temos que, cada vez mais, alinhar as nossas ações, para que possamos desenvolver o trabalho que hoje já tem sido desenvolvido. Não há como proteger a Amazônia sem a participação do Exército. Não há como proteger a nossa Amazônia Azul sem a participação da Marinha e da Aeronáutica brasileiras.

Então, temos, nesta sessão, saindo um pouquinho das formalidades, dos protocolos, das homenagens, que estabelecer uma aliança muito grande – nós que defendemos um momento novo no mundo.

A minha preocupação é essa.

O momento de crise acaba nos dando opções. A primeira é que, se há crise – somos pressionados por ela -, temos de desburocratizar, facilitar as coisas para que se possa gerar emprego de qualquer jeito. Para isso, nós podemos desmatar a Amazônia um pouquinho mais, podemos liberar o barco para pescar um pouco mais longe da nossa costa. Nós podemos ir facilitando a destruição e o uso sem muito controle dos recursos naturais. Esse é um caminho a que somos pressionados.

Conversávamos a respeito, rapidamente, com o Ministro Carlos Minc antes de ele vir para a Mesa.

O outro caminho é estabelecer um novo modelo de desenvolvimento para que possamos ter energia limpa, gerando, produzindo e sustentando as nossas atividades; para que possamos estabelecer, cada vez mais, investimentos em ciências e tecnologia e para que novos métodos de produção sejam, efetivamente, adotados em nosso País e para que possamos dizer que o centro efetivo do nosso trabalho é o ser humano. Para proteger o ser humano, temos que proteger a natureza. Não há outro caminho para nós a não ser esse.

Então, são esses os caminhos que estão sendo colocados hoje para nós, na nossa frente, para que possamos escolher o que fazer. Sinceramente, acho que tanto as Forças Armadas brasileiras como a Marinha brasileira e nós próprios vamos ter um papel cada vez mais estratégico na adoção desse novo modelo de desenvolvimento.

Hoje há muitos com espírito nacionalista, mas não existe ninguém mais preocupado com o Brasil do que os senhores que militam na Marinha, na Aeronáutica, no Exército e que têm de aliar-se, cada vez mais,

com quem defende o País. Não digo defender o Brasil isoladamente, mas se integrando com os demais países, protegendo o que temos de bom, ou seja, a nossa riqueza e o nosso potencial na área de recursos naturais.

Deixo essa mensagem com o objetivo de caminhar, cada vez mais, juntos.

Parabenizo os senhores pelo trabalho que têm feito.

Muito obrigado, Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP)

– Deputado Paulo Teixeira, peço licença a V.Ex^a para conceder a palavra, primeiro, ao Ministro Carlos Minc, que a havia solicitado. Em seguida, V.Ex^a falará.

O SR. MINISTRO CARLOS MINC – Boa tarde a todos.

Cumprimento meus colegas de Mesa: Senador Romeu Tuma; Almirante de esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho; General de divisão Mário Matheus de Paula Madureira; Luiz Antonio Barreto de Castro, companheiro do MCT; Oficiais Gerais; Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, Jefferson Cardia Simões; companheiro João de Deus Medeiros, da nossa Secretaria de Biodiversidade e Floresta; Senador Casagrande, que fez um brilhante e emotivo discurso; Senador Cristovam Buarque, por ter assinado o requerimento de realização desta sessão; companheiros Deputados; Senadores, e, sobretudo, os pesquisadores apaixonados pela Antártica.

Comentava com os colegas da Mesa sobre o fato de como o povo conhece pouco a Antártica, Senador Tuma, e o trabalho que os pesquisadores, as Forças Armadas, sobretudo a Marinha brasileira, têm feito em defesa dela e sobre como a Antártica pode nos ajudar a pensar o nosso mundo e o momento em que vivemos.

Esse tratado – o que nos une aqui hoje são os 50 anos do PROANTAR – tem algo diferente de outros. Vários tratados são assinados e esse, talvez, seja um dos mais bem-sucedidos da história humana, porque se trata do primeiro documento internacional feito com base no interesse não do país A ou do país B ou de uma partilha, mas da humanidade. Daí vem, Senador, a grandeza desse acordo. Por isso ele tem sido respeitado.

Esse documento parte da cooperação geopolítica, científica e ambiental. Então, ele cruza todas essas vertentes e acaba sendo um símbolo da paz, da preservação, sobretudo hoje que o nosso planeta começa a mostrar vulnerabilidade até em função de atividades e atitudes feitas sem responsabilidade. Foram feitas pensando, talvez, no pequeno, no interesse mais particular e não no continente como um todo.

Esse tratado garante apenas propósitos pacíficos, liberdade de pesquisa, cooperação científica internacional, troca de divulgações e proíbe explosões nucleares, como foi dito, lançamento de mísseis e prevê a cooperação dos povos, dos cientistas, para se chegar a algo grandioso na linha da ciência, da pesquisa e à paz.

Hoje, temos o CIRM – Comissão Interministerial para os Recursos do Mar -, que tem a responsabilidade do Programa Antártico Brasileiro.

Concordo com o discurso do Senador Casagrande quando diz sobre a importância das Forças Armadas brasileiras na defesa do meio ambiente. Nós contamos, cada vez que vamos participar de ações na Amazônia, de operações de preservação dos biomas, de forma muito decisiva, com a Aeronáutica, o Exército e a Marinha. Nós conseguimos, Senador Tuma, nestes 11 meses, reduzir em 45% o desmatamento da Amazônia. É claro que não é só a ação do IBAMA, da Polícia Federal. Isso tem que ser complementado com alternativas para essas pessoas viverem com dignidade sem destruir a floresta; apoio na área da tecnologia, de recursos, crédito, preços mínimos dos produtos extrativistas, sem o que uma pessoa está desmatando aqui e vai desmatar 5 quilômetros adiante. Agora, é fundamental combater o crime ambiental e a impunidade ambiental. As Forças Armadas têm sido, realmente, impecáveis.

Quero aqui fazer o reconhecimento do Ministério do Meio Ambiente em frente dos representantes das 3 Forças, dos oficiais superiores, da forte cooperação das Forças Armadas. E dizer também, especialmente em relação à Marinha, que temos desenvolvido uma série de estudos de defesa do litoral, e a Marinha tem sido nossa grande parceira. Recentemente, lançamos na UFRJ, com a presença da Marinha, o estudo *Macrodiagnóstico da Zona Costeira do Brasil* e, antes, um mapa de sensibilidade natural ao óleo derramado para ver em que locais pode ou não haver refinarias, quais as rotas mais adequadas; em caso de acidentes, quais as áreas a serem preservadas, protegidas – sobretudo onde há viveiros de reprodução de tartarugas, baleias, manguezais -, das crescentes atividades no nosso litoral.

Quero ainda, senhores oficiais, Srs. Parlamentares, companheiros dos Ministérios do Meio Ambiente, da Ciência e Tecnologia, sobretudo nossos pesquisadores, fazer referência, Senador Tuma, a essa publicação que vou, depois, passar à sua mão: *Antártica – Bem Comum da Humanidade*. Ela foi elaborada pela coordenação do segmento ambiental do Programa Antártico Brasileiro, da qual o Ministério do Meio Ambiente participa. Ela tem que avaliar o impacto das atividades brasileiras

na Antártica, zelar pelo cumprimento dos compromissos internacionais, que são muitos, assumidos pelo Brasil na proteção do meio ambiente e, sobretudo, os compromissos do Protocolo ao Tratado da Antártica sobre Proteção do Meio Ambiente, conhecido como Protocolo de Madri.

Anualmente, para cada operação Antártica, o MMA é responsável por avaliar impactos e, nos últimos anos, temos sido mais proativos.

O Programa Antártico Brasileiro tem tido, desde 1995, uma avaliação ambiental, e nós temos incrementando a nossa Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros da Secretaria de Biodiversidade e Florestas.

Essa publicação, que depois vou pedir para ser distribuída não só para os nossos Senadores, mas também para os segmentos das Forças Armadas brasileiras, é realmente um trabalho muito benfeito, que mostra a beleza e o mistério.

Passo a mostrar aos senhores algumas fotografias. Mesmo a distância, hão de ver algumas delas destacando as condições de vida, a fauna e flora, todo o mistério e a vida mesmo nessas condições inóspitas, as aves, as baleias, as características e a vulnerabilidade de cada uma dessas espécies, como isso faz parte da reprodução das cadeias alimentares de todo o nosso planeta, as condições duras em que a pesquisa se exerce, condições, como foi descrito, inóspitas, difíceis, e especialmente os pontos nos quais a nossa pesquisa tem avançado.

Afinal de contas, quais são os pontos principais? Aqui está explicado, de maneira muito simples e didática, o túnel das frentes frias, o clima, o monitoramento climático, a interação Sol/Terra, o buraco de ozônio. Foi na Antártica que se descobriu, pela primeira vez, o buraco na camada de ozônio. Isso levou a uma série de atividades de redução do gás CFC (clorofluorcarbono).

É bom que se diga que o Brasil assinou esse tratado e o está cumprindo. Nós não utilizamos mais o CFC nos novos aparelhos de ar-condicionado, nas geladeiras, etc., e estamos com um grande programa, Senador Romeu Tuma, de recuperação das geladeiras velhas para capturar e neutralizar os gases CFC, que afetam a nossa camada de ozônio.

Também apresentamos aqui a questão da retração das geleiras que se observa lá, a interação atmosférica/geles, oceanos, as baleias, as aves, a flora, o meio ambiente, o ambiente terrestre, o ambiente marinho e esses resultados todos.

Bem, pensamos – creio que a Comissão que defende a Antártica no Congresso há de apoiar essa iniciativa -, junto com o Ministério de Educação, fazer

com que esse material chegasse às escolas para que os nossos alunos, os nossos jovens tenham uma noção do que seja a Antártica, da importância de conhecê-la, de preservá-la, do que se faz em matéria de pesquisa nessa região em condições tão duras.

Concluo dizendo que tenho participado muito das discussões sobre clima. O Brasil não tinha, até há pouco tempo, um plano de mudanças climáticas, não tinha metas, não tinha o Fundo Amazônia. Éramos duramente criticados em todos os fóruns internacionais, algumas vezes com razão e muitas vezes sem razão, porque temos uma grande quantidade de biodiversidade, grande potencial de água doce, somos vanguarda na questão de etanol e biocombustível, temos uma matriz energética ainda limpa por causa da hidroeletricidade, embora haja o risco de ela se poluir com as térmicas a óleo e a carvão.

Felizmente, graças a uma atividade nossa muito forte junto com o Ministério de Ciência e Tecnologia, o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, o Parlamento, as Comissões de Clima, graças a vários Parlamentares ligados a essa questão que atuaram decisivamente – quero fazer esse reconhecimento -, o Presidente Lula assinou, no dia 1º de dezembro, o primeiro Plano Nacional de Mudanças Climáticas, nós assinamos também o Fundo Amazônia e estamos recebendo recursos.

O Fundo Amazônia é 100% soberano. Os doadores não têm assento nele. Ele é decidido exclusivamente por brasileiros, por cientistas, Governadores da Amazônia, sociedade civil, seringueiros, SBPC.

Hoje temos plano, metas, Fundo Amazônia e, nos fóruns internacionais, o Brasil passou a ser elogiado. Fomos elogiados pelo Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-Moon, pelo Al Gore, que se destacou na questão climática, sendo um grande líder nessa discussão, autor do filme *Uma Verdade Inconveniente* que ficou mundialmente conhecido e trata exatamente das mudanças climáticas. O Brasil agora é tido como um país que tem um protagonismo.

Mas não basta termos plano, metas e Fundo Amazonas. Nós temos que fazer, Srs. Senadores, o “cumpra-se” disso tudo. E para isso, temos que estar mais unidos ainda – comunidade científica, Forças Armadas, Parlamento, Ministérios, sociedade civil.

Vejo com apreensão alguns posicionamentos.

O que vimos nos jornais de ontem e de hoje? No norte do Brasil, pessoas perdem tudo e morrem submersas por causa das chuvas, enchentes e inundações. No sul do Brasil, pessoas também perdem tudo e algumas morrem por conta da seca, da estiagem prolongada. No meio disso – com o mundo tomando posições de mais precaução, de mais proteção, a ponto de muitos

países insulares comecem a querer comprar terra em continentes para transferir sua população para lá, já que estão condenados à perspectiva de elevação do nível dos mares, o que já está acontecendo, pois a elevação de 2 graus de temperatura, infelizmente, é o cenário mais favorável para que isso ocorra até o final do século -, segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas – IPCC, que reúne 3 mil cientistas no mundo inteiro, no Brasil, infelizmente, há setores que acham que protegemos demais e que temos de diminuir a proteção do bioma como se já estivesse tudo engessado, como se ninguém pudesse fazer nada, porque tudo está excessivamente protegido.

Senador Renato Casagrande, Senador Romeu Tuma, Srs. Deputados, representantes das Forças Armadas, quero dizer a V.Ex^{as}. que isso realmente não é verdade.

Hoje a nossa caatinga, que é destruída em um ritmo até mais acelerado que a Amazônia, tem 7% da sua área protegida, sendo que apenas 1% conta com proteção integral e os outros 6% são unidades de conservação de uso sustentável, em que várias atividades podem ser desenvolvidas.

O nosso cerrado, outra região afetada, tem apenas 8,5% protegido, sendo apenas 2% de reservas de unidade de conservação de proteção integral.

Da nossa Mata Atlântica, onde grande parte da população vive, restou 7,5%.

Recentemente, em fim de novembro, o Presidente Lula assinou um decreto para proteção da Mata Atlântica, cujo objetivo não é diminuir a devastação; é ampliar, reconstituir a Mata Atlântica por meio de corredores de biodiversidades, corredores florestais, mosaicos de unidades de conservação.

Então, é com muita apreensão que vejo uma ofensiva que vai no sentido contrário do que vemos no Brasil e no mundo. O que vemos no Brasil são as pessoas submergindo no Norte e morrendo estorricadas por causa da seca no Sul. E as pessoas dizem que protegemos muito, como se não fôssemos ainda devedores em relação à natureza. Nós somos devedores.

Srs. Senadores, lançamos o *Livro Vermelho das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção*. O número de espécies ameaçadas de extinção, nos últimos 15 anos, passou de 240 para 620, considerando mamíferos, aves, peixes, répteis. Ou seja, se estivéssemos com excesso de proteção, se tudo estivesse engessado, protegido, não teríamos triplicado, em 15 anos, o número de espécies ameaçadas.

Nós temos que proteger a Antártica, temos que proteger o Brasil e temos que integrar isso, temos que ter uma visão planetária, generosa, como têm os que dedicam uma parte da vida à proteção, à pesquisa, à

troca de informações, atitudes que devem servir de exemplo aos outros continentes também no sentido da paz, da pesquisa, da proteção e do respeito a todas as formas de vida, todas as formas de cultura.

Os 50 anos do PROANTAR é um motivo de comemoração, de celebrar os nossos heróis que estão lá, honrando a nossa bandeira – o azul, o verde e o amarelo -, as cores do nosso País. Ao olhar para esse bom exemplo, é preciso olhar também para o nosso País e ver como ainda temos de avançar.

Estive recentemente em Lisboa, participando de uma reunião de Ministros de Meio Ambiente de Portugal e de países africanos de Língua Portuguesa, e vi que Portugal, um país pequeno, menor que o Estado do Rio de Janeiro, está com 5 mil megas de energia eólica implantados, enquanto o Brasil tem menos de 1 mil megas de energia eólica. Ou seja, hoje em dia, temos menos energia eólica implantada no Brasil, que é a terra dos ventos, do que Portugal, que é um país que, em termos de área, talvez seja um centésimo do nosso.

Então, acho que isso tudo deve servir para uma reflexão. O que nós – Governo, Senado, Câmara, Forças Armadas, cientistas, sociedade civil – podemos fazer para contribuir com o momento em que o mundo se preocupa com a elevação da temperatura, o derretimento das geleiras, que pode ser observado, particularmente na Antártica, mas não só, que talvez seja a maior crise, a qual põe em xeque a vida do planeta? Não estamos discutindo preço de café ou de açúcar, numa questão comercial em que um ganha outro perde. Não! Essa daí todo mundo perde.

Em dezembro, em Copenhague, teremos a possibilidade de chegar a um acordo mundial sobre a questão do clima. E o Brasil irá jogar um papel. O Brasil hoje não vai se encolher; vai ser protagonista, vai mostrar o que está fazendo e cobrar daqueles que têm mais responsabilidade, nas emissões de carbono, que tenham reduções mais acentuadas e coloquem recursos num fundo que ajude os países mais pobres a adotarem tecnologias mais limpas, de baixo carbono, que emitam menos carbono e ponham menos em xeque as nossas florestas e regiões.

Senador Romeu Tuma, com a simples elevação de 2 graus até o fim do século – é o mínimo, já se fala em 3 -, o Nordeste vai perder 40% da sua economia. É uma das regiões que está com maior vulnerabilidade em face das mudanças climáticas e da elevação da temperatura.

Tenho certeza de que esta Casa, o Senado brasileiro, que tanto nos orgulha – sou Parlamentar do Estado do Rio de Janeiro, mas me sinto Parlamentar

em qualquer uma das Casas -, onde estão os eleitos pelo povo, vão dar exemplo para o País.

Quando há crise, discussão e produção, às vezes, o curto prazo fala mais alto. E temos que pensar em médio e longo prazo, nos nossos filhos, nos nossos netos. Porque nós passaremos, mas a Nação e o planeta têm de continuar.

Tenho certeza de que o Parlamento brasileiro, assim como o Governo e as Forças Armadas, estará à altura desse desafio, nessa encruzilhada onde a vida do planeta corre perigo. O Brasil que, agora, está sendo considerado protagonista, que tem plano, metas, Fundo Amazônia, de forma alguma poderá afrouxar a defesa dos nossos biomas que estão muito ameaçados. Temos que dar o exemplo. Seguramente, contamos com o nosso Parlamento para estar na linha de frente da defesa de todas as formas de vida, de todas as formas de cultura.

Muito obrigado.

Saudações ecológicas e libertárias a todos os presentes. (*Palmas.*)

Entrego ao Senador Tuma o livro *Antártica – Bem Comum da Humanidade*.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Muito obrigado a V.Ex^a por tudo, principalmente pela palestra.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB – SP) – Passo a palavra ao Deputado Paulo Teixeira, representante de São Paulo, pelo PT.

Em seguida, darei a palavra ao Sr. Luiz Antonio Barreto; e, para encerrar, o almirante fará uso da palavra.

O SR. PAULO TEIXEIRA (PT – SP. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Romeu Tuma, em nome de quem cumprimento todos os Senadores.

Sr. Ministro Carlos Minc, faço um parêntese para dizer que esta homenagem é tão solene que hoje S.Ex^a veio sem o colete tão conhecido pelo Brasil, mas de terno. É a primeira vez que o vejo vestido assim.

Cumprimento também os almirantes de esquadra Aurélio Ribeiro Silva Filho e João Afonso Prado, o Gen. Mário Matheus de Paula Madureira e o Secretário de Políticas e Projetos Luiz Antonio de Castro.

Pretendo, nesta homenagem, falar de 3 aspectos.

Primeiro, de homenagear todos os brasileiros que estão envolvidos com o Tratado da Antártica e as instituições que ali militam.

Segundo, falar de alguns desafios que temos hoje.

Terceiro, falar do tema do desenvolvimento.

Quanto ao tema do desenvolvimento, com o qual pretendo começar, para aqueles que pensam que as

restrições ambientais atrapalharão o desenvolvimento, quero fazer uma equação contrária. As equações ambientais ajudarão o desenvolvimento do nosso País.

Hoje, vivemos entraves ao nosso desenvolvimento, cujo primeiro aspecto é exatamente o grau de desenvolvimento tecnológico em que nos encontramos.

Portanto, para crescermos, teremos que nos debruçar sobre os gargalos do desenvolvimento tecnológico e avançarmos para conseguir um grau de desenvolvimento melhor. Parte dos nossos gargalos é conhecer a nossa biodiversidade e transformar esse conhecimento em produto e solução para a humanidade; parte da nossa biodiversidade é termos soluções para as indústrias química, farmacêutica e de cosmético.

Portanto, a ideia de preservação não é contra, mas a favor do homem.

Por isso não acredito que hoje um desenvolvimento sustentável na Amazônia, de exploração do mar e da humanidade, advogue contra a humanidade.

Adquiri essa consciência ambiental na minha adolescência, depois na minha juventude. Quero aqui fazer uma homenagem a uma professora amiga que me ajudou muito, a qual há 30 anos trazia esse tema, a Profa. Gláucia Padilha.

Hoje, vejo que esse tema é decisivo na pauta brasileira. Creio que se colocarmos, na direção da Amazônia, a pesquisa, a indústria de ponta, como fizemos quando criamos, no Brasil, a PETROBRAS e a EMBRAPA, teremos que estabelecer um grande investimento para pesquisa de ponta com vistas a transformar essa condição em disputa no mundo. Claro que não vamos abandonar essa inserção, por meio de *commodities*, que é importante, mas é fundamental agregarmos mais valor e conhecimento nessa produção.

Por isso, quero também dizer que, entre os nossos desafios – e aí faço a minha homenagem à Marinha -, temos o de completar o domínio do ciclo da energia nuclear e desenvolver o nosso submarino para fazer a vigilância na costa brasileira. Temos um desafio também voltado, como já foi dito aqui, à exploração dos satélites para que possamos ter autonomia científica no Brasil. E a Aeronáutica brasileira está envolvida nesse projeto.

Quero, então, prestar minha homenagem a todos os que estão participando do Programa Antártico Brasileiro.

Em primeiro lugar, ressalto os aspectos do Tratado da Antártica, que cria um grande parâmetro – como disse o Ministro Minc – do ponto de vista dos tratados internacionais e cria, em torno dele, a ideia do espírito antártico, que é o espírito da colaboração, o espírito da integração, o espírito da democratização do saber. Isso é muito importante nesse processo de globaliza-

ção que vivemos – muitas vezes, uma globalização na direção oposta da colaboração, da democratização, da integração.

Outro aspecto que ressaltar é o que os nossos pesquisadores estão fazendo na Antártica. Queria prestar homenagem a todos os pesquisadores: na pessoa da Profa. Tânia Brito, na pessoa do Prof. Jefferson Cardia, na pessoa da Profª. Neusa Paes Leme, da Mônica Petti e outros que estão lá pesquisando os impactos do clima antártico, o ciclo dos ventos, das marés, o nosso impacto na Antártica.

Hoje, preocupa-me, por exemplo, o impacto dos agrotóxicos no ambiente antártico, o estudo da biologia. Foi dito, por exemplo, sobre a questão da descoberta dos impactos da camada de ozônio a partir da Antártida.

Então, quero fazer aqui minha homenagem aos pesquisadores que dedicam grande parte da sua vida...

O Senador Cristovam Buarque falou do lado da aventura, mas, para além da aventura, tem-se um enorme sacrifício dessas pessoas nas suas pesquisas.

Quero prestar homenagem também à Marinha brasileira. Percebi o quanto ela é importante para que esse programa exista, seja na Base Comandante Ferraz, seja no navio – destaco minha alegria com o fato de o Presidente Lula ter ido à Antártida e oferecido um navio novo para o programa -, seja em toda a logística que a Marinha oferece ao *Programa Antártico Brasileiro*.

A Marinha brasileira tem um papel estratégico naquele programa, assim como tem um papel estratégico no desenvolvimento brasileiro.

Quero ainda prestar homenagens aos oficiais e a todos os que estão lá servindo a Marinha brasileira de maneira sacrificada.

Lembro-me de que as pessoas me diziam: *“Olha, eu estou há 1 ano na Base Comandante Ferraz, longe da minha família, dos meus filhos, do cotidiano do meu País, para prestar esse serviço ao meu Brasil”*.

Lembro-me de uma época em que faltou água lá. As pessoas nem sequer tinham água para beber. Tinham de fazer o degelo a fim de conseguir água para consumir.

Quero prestar minhas homenagens também à Aeronáutica brasileira, que faz parte da logística.

Lembro-me de uma senhora de mais de 70 anos, se não me engano, Tia Alice, que, depois de aposentada, prestou-se a ajudar no programa, servindo como comissária de bordo nos aviões que levam as missões à Antártida.

Quero prestar minhas homenagens às Forças Aéreas brasileiras, ao Ministério da Ciência e Tecno-

logia, que depois poderá dizer o quanto cresceu de valor, de recursos de investimentos no Programa Antártico Brasileiro.

No Ano Polar, tivemos um investimento que deu um salto em relação aos investimentos históricos. Os resultados da participação brasileira no Ano Polar são muito positivos e deverão dar, adiante, condições para podermos contribuir com melhor quantidade e qualidade para o futuro da humanidade.

Por fim, quero prestar minha homenagem ao Ministério do Meio Ambiente, que tem estudado os impactos da presença do homem no continente e tentado minimizar esses impactos com tecnologia e com operações importantes que impedem que sejam piores para o continente e não contribuam para o seu avanço.

Termo dizendo que o Brasil se coloca nesse mundo globalizado com grande autonomia, seja na diplomacia, seja no cuidado dos seus aspectos estratégicos. Creio que o Congresso brasileiro dará uma contribuição muito importante nesses 3 programas que mencionei.

Em primeiro lugar, o Programa Antártico Brasileiro. Neste ano, os recursos para o Programa são maiores do que os do ano passado e melhores divididos do que nos anos anteriores, dada à consciência que o Congresso Nacional tem da importância dele.

Em segundo lugar, nesse programa da Marinha, destinado a fazer a vigilância das nossas costas, já que os outros interessados, como no caso dos Estados Unidos, agora reativam a quarta frota, temos de ter uma capacidade de vigilância muito maior do nosso mar territorial e também no desenvolvimento do programa de satélites brasileiros.

Então, estão de parabéns todos os que participam com espírito cívico e patriótico de um programa tão importante para o Brasil e o mundo.

Meu muito obrigado aos senhores pela prestação de serviço que fazem a este País.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Passo a palavra ao Prof. Luiz Antonio Barreto de Castro, Secretário de Políticas e Projetos de Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia.

O SR. LUIZ ANTONIO BARRETO DE CASTRO – Senador Romeu Tuma, agradeço-lhe a generosidade por nos dar este espaço, numa hora um pouco avançada. Em seu nome, saúdo os demais presentes nesta solenidade.

Mas não poderia deixar de vir aqui por duas razões. A primeira é para externar, em nome do Ministério, do Ministro Sergio Rezende, a nossa gratidão a esta Casa pelo apoio que temos recebido da Frente Parlamentar que apoia especificamente o PROANTAR. Em

segundo lugar, quero agradecer às Forças Armadas e, em particular, à Marinha, sem a qual não estaríamos celebrando nada disso hoje aqui. O trabalho da Marinha é extraordinário. A área de ciência e tecnologia deve à Marinha a nossa presença na Antártida todos os dias. Finalmente, agradeço ao Ministério do Meio Ambiente, com quem trabalhamos com muita harmonia. Anteontem chamei a atenção para a necessidade de termos de fato uma equipe trabalhando junta, coesa, para que possamos avançar.

E tenho mais uma razão para estar aqui. Hoje ouvi aqui que a ciência tem avançado e se expandido no Brasil. Vejo isso com alegria, porque efetivamente o Brasil hoje produz mais do que 2% da ciência mundial. Isso realmente é um avanço que nos coloca entre os 14 maiores países no mundo. Mas vejo esse comentário com um sentimento misto de prudência e até de humildade, porque nós temos um extraordinário desafio pela frente, colocado pelo Ministro Carlos Minc aqui antes: o desafio das mudanças climáticas. Isso efetivamente vai exigir da ciência e tecnologia mundial muito mais do que temos conseguido fazer até agora.

Efetivamente é importante o conhecimento que estamos desenvolvendo na Antártida, mas o equacionamento das mudanças climáticas vai exigir uma mobilização plena de todos os setores da ciência, do Equador ao Polo. Nesse sentido, o Brasil tem uma condição geográfica que nenhum outro país tem. Ele consegue chegar do Polo ao Equador, passando pelo MERCOSUL, com quem temos uma cooperação sólida de algumas décadas em programas específicos.

Quero dizer que efetivamente não será possível conseguir equacionar esse contexto de complexidade que vamos ter à frente neste século ao que está relacionado às mudanças climáticas sem que haja uma mobilização plena de todos os setores da ciência. Venho aqui só dizer que o Ministério da Ciência e Tecnologia tem essa percepção, de que vai mobilizar efetivamente todo o seu contingente, com modéstia, porque a nossa inteligência é ainda limitada por muitas razões. Mas toda a ciência será mobilizada nesse sentido.

Venho, neste momento, agradecer o que temos recebido das duas Casas, do Senado e da Câmara, para que o setor de ciência e tecnologia consiga avançar. Mas ainda temos que conseguir muitos recursos adicionais. Recentemente, o Presidente Obama deu uma demonstração clara de que, apesar de que os Estados Unidos tenha sido o país que mais sofreu com a crise que estamos vivendo, fez-se um enorme aporte de recursos para a área de ciência e tecnologia. Tenho certeza de que teremos isso, em função do apoio que já recebemos e temos sempre recebido do Parlamento, do Senado e da Câmara. Não podia deixar de fa-

zer esse reconhecimento e essa saudação, em nome no Ministro Sergio Rezende, neste momento histórico para a vida da ciência brasileira.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Muito obrigado a V.Ex^a.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Para encerrarmos com chave de ouro, concedo a palavra ao Exm^o Sr. Almirante-de-Esquadra Aurélio Ribeiro da Silva Filho, Chefe do Estado-Maior da Armada.

O SR. AURÉLIO RIBEIRO DA SILVA FILHO – Exm^o Sr. Senador Romeu Tuma, que preside esta sessão; Exm^o Sr. General-de-Divisão Mauro Matheus de Paula Madureira, representando o Comandante do Exército Brasileiro, o General Enzo Martins Péri; Exm^o Sr. Secretário do Ministério da Ciência e Tecnologia, Luiz Antonio Barreto de Castro; Exm^{os}. Sr^{as}. e Srs. Congressistas, Srs. Almirantes, Sr^{as}. e Srs. Oficiais, Sr^{as}. e Srs. convidados, não é fácil suceder os brilhantes oradores que me antecederam, e como a hora já está avançada, serei tão breve quanto possível, de modo a não abusar da paciência de todos.

Inicialmente, no âmbito do Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, a quem represento neste ato, agradeço a distinção da homenagem prestada à Marinha do Brasil, indicadora do profundo respeito de que todos aqui nutrem por nossa instituição.

Exm^{os}. senhores membros desta Casa, gostaria de ressaltar que a Marinha do Brasil orgulha-se de ter protagonizado parte preponderante dos esforços despendidos nessa jornada e de seguir participando da construção dessa parte da história do Brasil na Antártida.

Srs. Congressistas, tenho a certeza de que a nossa instituição, em consonância com as aspirações da nossa sociedade e fiel aos seus valores e princípios, defendendo e marcando a presença brasileira nas brancuras geladas daquele continente solitário, atenta ao presente sem se descuidar do futuro, continuará a emprestar a sua valiosa colaboração ao nosso grande País.

Neste momento, gostaria de enaltecer especialmente à brilhante e oportuna iniciativa do Exm^o Sr. Senador Cristovam Buarque e da Deputada Maria Helena, a quem agradeço a organização desta sessão conjunta, visando comemorarmos os 50 anos da Assinatura do Tratado da Antártida, proporcionando-nos mais uma oportunidade para estreitarmos os laços de amizade com os membros do Congresso Nacional, para nós um privilégio, esperando que essa relação fraterna e profícua seja sempre cultivada e ampliada.

Ao finalizar esta locução, desejo afirmar que a nossa instituição sente-se gratificada pelas gentis palavras a ela dirigidas e pela atenção com que está sendo distinguida pelo Congresso Nacional. Quero também expressar, mais uma vez, os agradecimentos e o reconhecimento da Marinha do Brasil, em nome do seu Comandante, pela demonstração de apreço materializada nesta homenagem, que nos encoraja a navegarmos em rumos seguros, com a convicção de que o Brasil é a soma dos nossos esforços.

A todos o meu muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Muito obrigado, amigo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP) – Os Srs. Senadores Flexa Ribeiro e Augusto Botelho enviaram discursos à Mesa para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o art. 210, inciso I eo § 2º, do Regimento Interno.

S. Exa. Serão atendidos.

O SR. FLEXA RIBEIRO (PSDB-PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as.} e Srs. Congressistas, faz 50 anos que um grupo de 12 nações tomou uma decisão tanto sábia quanto histórica. Esses países obrigaram-se a suspender, por tempo indefinido, suas pretensões de posse sobre o Continente Antártico para permitir ampla liberdade de exploração científica da região, em regime de cooperação internacional, com intercâmbio de informações e publicidade dos resultados das pesquisas.

Mais do que isso, esse grupo de nações, que formulou o Tratado da Antártica, se comprometeu ainda com a utilização pacífica do continente, proibindo, também, expressamente a militarização da região e sua utilização para explosões nucleares ou como depósito de resíduos radioativos.

De maneira inteligente e generosa, os formuladores do tratado previram ainda a possibilidade de participação, no acordo, de outras nações que assim desejassem. Elas têm a possibilidade de se tornarem partes consultivas nas discussões que regem o *status* do continente quando, demonstrando o seu interesse, lá realizarem atividades substanciais de pesquisa científica.

Foram criadas, assim, as condições para o florescimento de um campo importantíssimo de pesquisa em benefício de toda a humanidade. Dadas essas condições, hoje trinta e uma nações se dedicam à pesquisa no Continente Antártico, em regime de ampla cooperação, com resultados benéficos para todos e cuja importância para o futuro do planeta é de enorme valia.

Entre essas nações figura o Brasil, que se tornou signatário do tratado em 1975. Vislumbrando a impor-

tância de participar desse programa internacional de pesquisas, o Brasil inaugurou, no princípio de 1980, a Estação Antártica Comandante Ferraz, a partir da qual conduz seu programa de pesquisas no continente gelado.

Sob a gerência da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar, o Programa Antártico Brasileiro vem desenvolvendo pesquisas científicas também em outros três refúgios, localizados nas Ilhas Elefante, Nelson e Rei George, e a bordo do Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel, que substituiu o pioneiro Barão de Teffé. Toda essa atividade data de 1982, ano que marcou o efetivo início do Programa Antártico Brasileiro, o PROANTAR.

Essa ação importantíssima credencia o Brasil junto às demais nações signatárias do tratado, bem como junto à comunidade científica internacional. Ela marca, também, nossa posição em relação aos destinos de um continente com 14 milhões de quilômetros quadrados, de posição estratégica privilegiada, detentor de riquezas ainda não avaliadas, como jazidas minerais e uma biodiversidade e biomassa de enorme relevância.

O Tratado da Antártica foi renovado em 1991, o que o torna válido até 2041. Trata-se de importante garantia da continuidade dos objetivos que guiaram a construção do acordo original. É também uma demonstração notável de que os homens podem se juntar para o bem da humanidade, superando estéreis disputas territoriais, que a poucos ou a ninguém interessa. Que a comemoração dos cinquenta anos do tratado sirva para estimular vida duradoura para essa importante iniciativa.

Sr. Presidente, Sr^{as.} e Srs. Congressistas, quero também aproveitar esta oportunidade para saudar todos os brasileiros que, muitas vezes com enorme sacrifício pessoal e até mesmo risco de vida, se empenharam na defesa dos interesses do nosso País, trabalhando em condições difficilimas no longínquo e inóspito continente gelado. A eles, o agradecimento perene de toda a Nação pela sua contribuição para que a bandeira brasileira pudesse tremular na Antártica.

Muito obrigado.

O SR. AUGUSTO BOTELHO (PT-RR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as.} e Srs. Congressistas, em 1º de dezembro de 1959, há quase 50 anos, 12 países assinaram um acordo em Washington, nos Estados Unidos. Chamado de “Tratado da Antártida”, o acordo permite a liberdade de exploração científica do continente gelado e conta hoje com a adesão de 47 nações.

Na sessão de hoje estamos comemorando os 50 anos desse acordo que permitiu a liberdade de exploração científica do continente gelado, em regime de cooperação internacional.

Por meio do Tratado da Antártida os países que reclamavam a posse de partes da Antártica – só para termos uma ideia, o continente gelado é um colosso com uma vez e meia o tamanho do Brasil – se comprometeram a suspender suas pretensões por período indefinido.

O tratado, do qual o Brasil é signatário, determinou que até 1991 a Antártida não pertencesse a nenhum país em especial, embora todos tivessem o direito de instalar ali bases de estudos científicos. Na reunião internacional de 1991 os países signatários do tratado resolveram prorrogá-lo por mais 50 anos, isto é, até 2041 a Antártida será um patrimônio de toda a Humanidade.

O tratado adota as seguintes regras reguladoras das atividades na região:

1. assegura a liberdade de pesquisa, cujos resultados devem ser permutados e tornados livremente utilizáveis, estando prevista a presença de observadores de todos os países signatários do tratado com acesso irrestrito a qualquer tempo e em qualquer lugar, aí incluídas todas as estações, instalações e equipamentos existentes na Antártica;

2. permite que equipamento ou pessoal militar possa ser introduzido na região, desde que para pesquisa científica ou para qualquer outro propósito pacífico;

3. exorta os países participantes a empregarem esforços apropriados, de conformidade com a Carta das Nações Unidas, para que ninguém exerça, na Antártica, qualquer atividade contrária aos princípios do tratado;

4. admite a modificação ou emenda do tratado a qualquer tempo, por acordo unânime dos países, ou após decorridos 30 anos de vigência, por solicitação de qualquer um dos participantes;

5. elege o governo dos Estados Unidos como depositário dos instrumentos de ratificação do tratado e concede a possibilidade de adesão a qualquer Estado que seja membro das Nações Unidas;

6. define a área de jurisdição do tratado como aquela situada ao sul de 60 graus de latitude sul, incluindo as plataformas de gelo, ressalvando, contudo, a preservação do direito internacional aplicável ao alto-mar;

7. estabelece que nenhuma nova reivindicação, ou ampliação de reivindicação existente, relativa à soberania territorial na Antártica, será apresentada enquanto o presente tratado estiver em vigor; e

8. proíbe a realização de explosões nucleares e o depósito de resíduos radioativos no continente gelado.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, a área abrangida pelo Tratado da Antártida situa-se ao sul do paralelo 60, e nela aplicam-se os artigos que li anteriormente. Esses artigos consagram princípios como a liberdade para a pesquisa científica, a cooperação internacional para esse fim e a utilização pacífica da Antártica, proibindo, expressamente, a militarização da região e sua utilização para explosões nucleares e como depósito de resíduos radioativos.

Na revisão do Tratado da Antártica, ocorrida no ano de 1991, em Madri, na Espanha, o meio ambiente antártico tornou-se aspecto de primeira grandeza nas tratativas.

Do tratado nasceu o Protocolo de Madri, que designou a Antártica como uma reserva natural dedicada à paz e à ciência. Desde então, o foco de interesse na Antártica mudou de como dividi-la para como preservá-la.

O Protocolo de Madri entrou em vigor, efetivamente, no ano de 1998, substituindo e ampliando as medidas tomadas anteriormente para a conservação da fauna e flora antárticas. O documento recomenda que as atividades desenvolvidas na Antártica sejam dirigidas a reduzir, ao mínimo, o impacto da presença humana na região.

Estabeleceu uma metodologia de trabalho baseada em princípios, procedimentos e, principalmente, obrigações, que devem ser seguidos na execução dos trabalhos científicos lá realizados, no apoio logístico às Estações Antárticas e nas atividades de turismo.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, o Brasil, por meio do PROANTAR realiza, desde 1982, pesquisa nas áreas de Ciências da Terra, Ciências da Atmosfera e Ciências da Vida no continente gelado. As atividades brasileiras na Antártida são desenvolvidas na Estação Comandante Ferraz, localizada na Baía do Almirantado; em 3 refúgios localizados nas ilhas Elefante, Nelson e Rei George; e em navios especiais.

As atividades na região têm sido contempladas com emendas parlamentares nos orçamentos dos últimos anos, o que tem garantido o aumento das verbas públicas para o trabalho desenvolvido no local. Para o Orçamento de 2009, por exemplo, Deputados e Senadores garantiram mais R\$19 milhões para o orçamento do Programa Antártico Brasileiro.

A frente de Apoio ao Programa Antártico Brasileiro foi instalada em 2007 e, atualmente, é formada por 121 Deputados e 56 Senadores. O grupo é presidido pelo Senador Cristovam Buarque e tem como

Vice-Presidente a Deputada do meu Estado, Roraima, Maria Helena, a quem cumprimento.

Segundo informações da própria Marinha, o Brasil tem adaptado suas atividades às regulamentações do Protocolo de Madri, estando na vanguarda dos fatos, pelo exemplar manejo ambiental na Estação Antártica “Comandante Ferraz”, que inclui o tratamento de dejetos e a retirada de todo o lixo produzido, e por ter apresentado, em conjunto com a Polônia, a proposta que considera a Baía do Almirantado, onde se localiza a Estação, a primeira Área Antártica Especialmente Gerenciada. O propósito é assegurar o planejamento e coordenação das atividades em uma área específica, reduzindo possíveis interferências e promovendo a cooperação entre as Partes Consultivas do Tratado da Antártica, minimizando o impacto ambiental.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, apesar de a sessão de hoje ser de comemoração pelos 50 anos do Tratado da Antártica, gostaria de dizer que é preciso chamar a atenção para os dados científicos que têm revelado a preocupante situação do polo nos dias de hoje.

As temperaturas médias na Península Antártida, a parte do continente onde se encontra a plataforma de Gelo Wilkins, aumentaram 2,5°C ao longo das últimas 5 décadas, dizem cientistas especialistas no assunto – o dobro da média de alta da temperatura mundial.

Como se não bastasse, esses mesmos cientistas divulgaram que o volume total de gelo no mar ártico teve seu nível mais baixo no verão passado. A ponte que ligava a Wilkins às ilhas Charcot e Latady, na Antártida, despedaçou-se recentemente, depois que 2 grandes pedaços dela já tinham se soltado, no ano

passado. A plataforma, formada por neve acumulada e compactada ao longo de milênios, havia se mantido estável durante a maior parte do século XX.

A plataforma tinha originalmente o tamanho da Jamaica e já havia perdido 14% de sua massa apenas em 2008. Dizem os cientistas que a perda da ponte pode ser atribuída ao aquecimento global.

Por isso, Sr. Presidente, quero ressaltar que o mundo precisa atentar mais para a proteção das regiões polares, pois o degelo, o aumento da temperatura no continente gelado, pode causar muitos problemas, principalmente em relação ao clima, para o Brasil e para o mundo inteiro.

Era isso o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PTB-SP)

– Ao encerrar a sessão, a Presidência agradece a presença às autoridades civis, militares, diplomáticas e eclesiásticas e a todos os que nos honraram com suas presenças.

Para mim é um orgulho participar desta homenagem. Vou inscrever no meu currículo a possibilidade de, ainda em vida, comemorar meio século de trabalho do PROANTAR. Não vou dizer que vou estar no centenário, mas é uma esperança que poderíamos manter.

Que Deus abençoe a todos e que o trabalho seja sempre profícuo em benefício do Brasil e da humanidade!

Dou por encerrada a sessão, agradecendo a todos a presença.

(Encerra-se a sessão às 13 horas e 48 minutos.)

CONSELHOS

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal
Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Deputado Michel Temer (PMDB-SP)	<u>PRESIDENTE</u> Senador José Sarney (PMDB-AP)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Marco Maia (PT-RS)	<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Marconi Perillo (PSDB-GO)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto (DEM-BA)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Senadora Serys Slhessarenko (PT-MT)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Deputado Rafael Guerra (PSDB-MG)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	<u>2º SECRETÁRIO</u> Senador João Vicente Claudino (PTB-PI)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Deputado Odair Cunha (PT-MG)	<u>3º SECRETÁRIO</u> Senador Mão Santa (PMDB-PI)
<u>4º SECRETÁRIO</u> Deputado Nelson Markezelli (PTB-SP)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Senador Patrícia Saboya (PDT-CE)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado André de Paula (DEM/PE)	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> Senador Mário Couto (PSDB-PA)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> Deputado Tadeu Filippelli (PMDB-DF)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Senador Demóstenes Torres (DEM-GO)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Deputado Severiano Alves (PDT-BA)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG)

(Atualizada em
20.04.2009)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3303-4561 e 3303-5258
scop@senado.gov.br

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente:

Vice-Presidente:

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senao.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

Composição

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

Presidente: Senador Aloizio Mercadante (PT/SP)
Vice-Presidente: Deputado George Hilton² (PP-MG)
Vice-Presidente: Deputado Claudio Diaz² (PSDB – RS)

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
Maioria (PMDB)	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
DEM	
EFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (PTB/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO ⁶ (DEM/SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PT/PR)
PTB	
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR (PTB/AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. OSMAR DIAS ⁴ (PDT/PR)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1. JOSÉ NERY ⁸ (PSOL/PA)
DEPUTADOS	
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
VALDIR COLATTO (PMDB/SC) ¹⁰	1. MOACIR MICHELETTO ⁷ (PMDB/PR)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
ÍRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)	4. LELO COIMBRA (PMDB/ES) ¹¹
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB/RS)	1. LEANDRO SAMPAIO ⁵ (PPS/RJ)
GERALDO THADEU ⁹ (PPS/MG)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO ³ (PSDB/SP)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. CELSO RUSSOMANNO (PP/SP)
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 12.03.2009)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA

(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> HENRIQUE EDUARDO ALVES PMDB-RN	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> RENAN CALHEIROS PMDB-AL
<u>LÍDER DA MINORIA</u> ANDRÉ DE PAULA DEM-PE	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> MÁRIO COUTO PSDB-PA
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> SEVERIANO ALVES PDT-BA	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> EDUARDO AZEREDO PSDB-MG

(Atualizada em 20.04.2009)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3303-4561 e 3303-5258
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai



**PODER LEGISLATIVO
SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
PREÇO DE ASSINATURA**

SEMESTRAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 58,00
Porte do Correio	R\$ 488,40
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 546,40

ANUAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 116,00
Porte do Correio	R\$ 976,80
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 1.092,80

NÚMEROS AVULSOS

Valor do Número Avulso	R\$ 0,50
Porte Avulso	R\$ 3,70

ORDEM BANCÁRIA

UG – 020055	GESTÃO – 00001
--------------------	-----------------------

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de empenho**, a favor do **FUNSEEP** ou fotocópia da **Guia de Recolhimento da União-GRU**, que poderá ser retirada no SITE: <http://consulta.tesouro.fazenda.gov.br/gru/gru-simples.asp> **Código de Recolhimento apropriado e o número de referência: 20815-9 e 00002** e o código da Unidade Favorecida – **UG/GESTÃO: 020055/00001** preenchida e quitada no valor correspondente à quantidade de assinaturas pretendidas e enviar a esta Secretaria.

OBS: NÃO SERÁ ACEITO CHEQUE VIA CARTA PARA EFETIVAR ASSINATURA DOS DCN'S.

Maiores informações pelo telefone (0XX-61) 3311-3803, FAX: 3311-1053, Serviço de Administração Econômica Financeira/Controle de Assinaturas, falar com, Mourão ou Solange.

Contato internet: 3311-4107

**SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES, AV. N/2, S/Nº – BRASÍLIA-DF
CNPJ: 00.530.279/0005-49 CEP 70 165-900**



EDIÇÃO DE HOJE: 34 PÁGINAS

(OS: 12645/2009)